

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO E LETRAS (CEL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM SOCIEDADE,
CULTURA E FRONTEIRAS – NÍVEL MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, CULTURA E FRONTEIRAS**

PAULO HENRIQUE HEITOR POLON

**A CONSTRUÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL EM MARECHAL CÂNDIDO
RONDON-PR A PARTIR DOS IMAGINÁRIOS ACERCA DO LUGAR DE MEMÓRIA
“CASA GASA”**

FOZ DO IGUAÇU - PR

2013

PAULO HENRIQUE HEITOR POLON

**A CONSTRUÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL EM MARECHAL CÂNDIDO
RONDON-PR A PARTIR DOS IMAGINÁRIOS ACERCA DO LUGAR DE MEMÓRIA
“CASA GASA”**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras, área de concentração: Sociedade, Cultura e Fronteiras.

Linha de Pesquisa: Território, História e Memória.

Orientador: Prof. Dr. Valdir Gregory

FOZ DO IGUAÇU – PR

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Campus de Foz do Iguaçu – Unioeste
Ficha catalográfica elaborada por Miriam Fenner R. Lucas - CRB-9/268

P778 Polon, Paulo Henrique Heitor

A construção do patrimônio cultural em Marechal Cândido Rondon-PR a partir dos imaginários acerca do lugar de memória "Casa Gasa" / Paulo Henrique Heitor Polon. – Foz do Iguaçu, 2013.

106 fl. : il. : mapas

Orientador: Prof. Dr. Valdir Gregory.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

1. Marechal Cândido Rondon (PR) – Patrimônio cultural. 2. História. 3. Imaginário e memória. 4. Gasa, Heribert Hans Joachim, 1920-2003 – Vida e obra. I. Título.

CDU 316.722(816.2Mal.Cândido Rondon)
930.85
929Gasa

PAULO HENRIQUE HEITOR POLON

**A CONSTRUÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL EM MARECHAL CÂNDIDO
RONDON-PR A PARTIR DOS IMAGINÁRIOS ACERCA DO LUGAR DE MEMÓRIA
“CASA GASA”**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras – Nível de Mestrado, área de concentração: Sociedade, Cultura e Fronteiras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, *Campus* Foz do Iguaçu.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Valdir Gregory
Orientador - UNIOESTE

Prof. Dr. José Carlos dos Santos
Membro Titular - UNIOESTE

Prof. Dr. Claércio Ivan Schneider
Membro Convidado - UNICENTRO

Prof. Dr. Marcos Nestor Stein
Suplente Interno – UNIOESTE

Prof^a. Dr^a. Márcia Terezinha Tembil
Suplente Externo – UNICENTRO

Foz do Iguaçu, 11 de Dezembro de 2013.

DEDICATÓRIA

*A Heribert Hans Joachim Gasa (In memoriam),
personagem dos imaginários e discursos que
viabilizaram esta pesquisa.*

*Für meine liebe frau Luana Caroline Künast Polon
pela sua contribuição na construção das discussões
contidas neste trabalho. Com base no conhecimento
de quem vive desde o nascimento em Marechal
Cândido Rondon.*

*A minha filha Sophia e minha mãe Romilde, com
muito afeto.*

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida, por sua bondade e misericórdia.

A minha esposa Luana pela compreensão em minha ausência no decorrer do Mestrado.
Bem como pela companhia e auxílio para construção deste trabalho.

A minha filha Sophia que, mesmo sem compreender, suportou os momentos em que estive ausente e não pude brincar com ela.

A minha família e a família de minha esposa pelo incentivo no decorrer de minha trajetória acadêmica.

Ao Professor Valdir Gregory pela expressiva contribuição para concretização deste trabalho por meio de suas orientações. Por sua paciência frente aos entraves da minha caminhada.

Ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade, Cultura e Fronteiras, que possibilitou meu crescimento intelectual.

Aos Professores do Programa de Mestrado pelos conteúdos ministrados nas disciplinas.
Pois por meio destes pude alcançar recursos que contribuíram com minha pesquisa e ampliar meus conhecimentos.

A Banca da Qualificação representada pelos Professores José Carlos dos Santos, Marcos Nestor Stein, além de Valdir Gregory. Os quais trouxeram ideias fundamentais para a evolução do trabalho e indicaram caminhos possíveis.

Aos que de algum modo auxiliaram na construção deste trabalho, seja pelo compartilhamento de materiais, trocas de ideias, indicações de recursos e referências, etc.

Desde já agradeço aos Professores que aceitaram o convite de compor minha Banca de Defesa, ciente da dedicação de todos.

Por fim, agradeço a UNIOESTE, Instituição que possibilitou avanços em minha formação.

“Ao se transpores seis rios e três cadeias de montanhas, surge Zora, cidade que quem viu uma vez nunca mais consegue **esquecer**. Mas não porque deixe, como outras cidades **memoráveis**, uma **imagem** extraordinária nas **recordações**. Zora tem a propriedade de **permanecer** na **memória** ponto por ponto, na sucessão das ruas e das casas ao longo das ruas e das portas e janelas das casas, apesar de não demonstrar particular beleza ou raridade. O seu **segredo** é o modo pelo qual o olhar percorre as figuras que se sucedem como uma partitura musical da qual não se pode modificar ou deslocar nenhuma nota. Quem sabe de cor como é feita Zora, à noite, quando não consegue dormir, **imagina** caminhar por suas ruas e **recorda** a sequência em que se sucedem o relógio de ramos, a tenda listrada do barbeiro, o esguicho de nove borrifos, a torre de vidro do astrônomo, o quiosque do vendedor de melancias, a estátua do eremita e do leão, o banho turco, o café da esquina, a travessa que leva ao porto. Essa cidade que não se elimina da cabeça é como uma armadura ou um retículo em cujos espaços cada uma pode colocar as coisas que deseja **recordar**: nomes de homens ilustres, virtudes, números, classificações vegetais e minerais, datas de batalhas, constelações, partes do **discurso**. Entre cada noção e cada ponto do itinerário pode-se estabelecer uma relação de **afinidades** ou de **contrastos** que sirva de **evocação à memória**. De modo que os homens mais sábios do mundo são os que conhecem Zora de cor. Mas foi inútil a minha viagem para visitar a cidade: obrigada a **permanecer** imóvel e imutável para facilitar a **memorização**, Zora definiu, desfez-se e sumiu. “Foi **esquecida** pelo mundo”.

(Marco Polo em relato ao Imperador Kublai Khan. Retirado de: CLAVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Companhia das Letras, 1990. p. 19-20.).

POLON, Paulo Henrique Heitor. **A Construção do Patrimônio Cultural em Marechal Cândido Rondon-PR a partir dos Imaginários acerca do Lugar de Memória “Casa Gasa”**. 2013. 106 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Foz do Iguaçu.

RESUMO

No presente trabalho, analisam-se por meio dos conceitos de Imaginário e Patrimônio Cultural, as histórias construídas e interpretadas acerca da “Casa Gasa” e seu antigo proprietário, tendo como base a existência de curiosas histórias sobre este espaço. Este trabalho propõe uma contextualização do objeto estudado. Assim como a exposição e discussão dos imaginários criados a respeito de Heribert Hans Joachim Gasa e sua casa na formação de um Patrimônio Cultural em Marechal Cândido Rondon. Para o desenvolvimento da pesquisa, foi realizada uma revisão bibliográfica de conceitos relacionados ao tema, como patrimônios, imaginários e memórias, além de pesquisa em fontes diversas sobre Gasa (revistas, livros, jornais, *sites*, etc.). A presente pesquisa justifica-se pela expressividade do imóvel que, apesar de estar fechado ao público, guarda em si um significativo acervo histórico e cultural. A Casa Gasa pode ser constituída como espaço de memórias, ou conforme compreensão de Pierre Nora, um “lugar de memória”. Para tal, alguns aspectos em especial serão discutidos, buscando despertar as histórias instigantes que ao longo dos anos permearam a “Casa Gasa”, caracterizando-a enquanto Patrimônio Material e Imaterial de Marechal Cândido Rondon, por meio de análise dos imaginários.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônios. Imaginários. Memórias.

POLON, Paulo Henrique Heitor. **Construction of Cultural Heritage in Marechal Cândido Rondon-PR from the Imaginary about the place memory of "Gasa House"**. 2013. 106 p.p. Dissertation (master's degree in Society, Culture and Borders) State University of West Paraná. Foz do Iguaçu.

ABSTRACT

In the present study, through the concepts of Imaginary and Cultural Heritage, is analyzed and interpreted the stories built on the "Gasa House" and its former owner, based on the existence of curious stories about this space. This study provides an overview of the object under study, as well as the presentation and discussion of the imaginary created about Heribert Hans Joachim Gasa and his house in the formation of a Cultural Heritage in the city of Marechal Cândido Rondon. To develop the research was carried out a bibliographical revision of concepts related to the subject, like Heritage, imaginaries and Memory, and research in different sources about House (magazines, books, newspapers, websites, etc.). This research is justified by the expressiveness of the property which, although closed to the public, keeps in itself a significant historical and culture. The Gasa House may be consists as a place of memories, or according to understanding of Pierre Nora, a "place of memory". To this end, some aspects will be discussed especially, seeking to awaken thought-provoking stories than over the years permeated the "Gasa House", characterizing it as Material and Intangible Heritage of Marechal Cândido Rondon, through analysis of imaginary.

KEYWORDS: Heritage. Imaginary. Memories.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Adolf Hitler era admirado pelo povo.	25
Figura 2 – Localização geográfica de Marechal Cândido Rondon.	32
Figura 3 - Localização da Fazenda Britânia	33
Figura 4 - Propaganda contendo aspectos imaginativos.....	34
Figura 5 - Folder de Marechal Cândido Rondon, 1996.	35
Figura 6 – Foto das “Lojas Helena”, em estilo Enxaimel.	39
Figura 7 - Centro de Eventos Werner Wanderer	40
Figura 8 – Heribert Hans Joachim Gasa	47
Figura 9 - Semelhança entre os símbolos da <i>Luftwaffe</i>	50
Figura 10 – Anverso do folder de divulgação do Instituto Cultural Casa Gasa.....	59
Figura 11 – Verso do folder	59
Figura 12 – Frente à Rua Santa Catarina, centro.....	63
Figura 13 – Frente à Rua Independência, centro.	65
Figura 14 – Detalhe de arco na porta da entrada à Rua Independência.	66
Figura 15 – Garagem	67
Figura 16 - Piscina da Casa Gasa.....	68
Figura 17 - Acervo de fotos	69
Figura 18 - Subsolo da casa.....	70
Figura 19 - Imagem publicada no Jornal “O Paraná”, de 1976.....	72
Figura 20 – Porta com contrapeso	74
Figura 21 – Passagem secreta em uma parede da casa.	75
Figura 22 – Alçapão se abrindo.....	76
Figura 23 – Sala do cabelo.....	77
Figura 24 – Lareira da sala de projeção.....	78
Figura 25 – Águia Nazista	79
Figura 26 - Símbolos contendo aves	80
Figura 27 - Condor acima e Águia abaixo	82
Figura 28 – Vinoteca	83
Figura 29 – Um dos banheiros da casa, detalhe dos múltiplos tipos de azulejos.....	84
Figura 30 - Patrimônios Históricos de Marechal Cândido Rondon	96

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – DISCUSSÃO TEÓRICO-CONCEITUAL	14
1.1 PATRIMÔNIOS MATERIAL E IMATERIAL: A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO SABER LOCAL.....	16
1.2 A INTERDISCIPLINARIDADE NOS ESTUDOS SOBRE PATRIMÔNIOS.....	19
1.3 IMAGINÁRIO E MEMÓRIA.....	21
1.4 SOCIABILIDADES: SUCINTA DISCUSSÃO	27
CAPÍTULO 2 – MARECHAL CÂNDIDO RONDON, A CASA GASA E A CONSTRUÇÃO DOS DISCURSOS E IMAGINÁRIOS	29
2.1 MARECHAL CÂNDIDO RONDON-PR: BREVE CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO	31
2.2 HERIBERT HANS JOACHIM GASA: UMA VIDA PERMEADA DE MISTÉRIOS	47
2.3 A CASA GASA.....	56
2.4 OS IMAGINÁRIOS E AS MEMÓRIAS ACERCA DA CASA GASA.....	70
CAPÍTULO 3 - CASA GASA: PATRIMÔNIO CULTURAL DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON.....	87
3.1 PENSANDO A CASA GASA ENQUANTO PATRIMÔNIO CULTURAL	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS.....	103

INTRODUÇÃO

Este trabalho origina-se a partir de um incômodo em conhecer e compreender os imaginários, memórias e discursos em Marechal Cândido Rondon. Esta inquietação é motivada pela existência de uma casa e seu antigo proprietário: um imigrante alemão que veio ao Brasil na década de 1960. A casa, em sua aparência, difere dos demais imóveis da cidade por portar um aspecto arquitetônico externo rústico e em traçado retangular, ocupando o terreno de forma diferenciada.

Dado o aspecto peculiar do exterior, bem como do interior da casa de Heribert Hans Joachim Gasa, aliado à sua história de vida e presença discreta na sociedade rondonense, fomenta-se a imaginação dos indivíduos que observam a casa, e tornam-se curiosos quanto ao seu antigo dono. Assim, quando cheguei a Marechal Cândido Rondon, no ano de 2010, deparei-me com várias narrativas curiosas sobre essa casa e sobre temas como: experiências secretas com humanos, túneis, paredes feitas com cabelos, supostas relações com pessoas envolvidas diretamente com o nazismo, a exemplo de Josef Mengele, e até mesmo Adolf Hitler além de suposições em décadas passadas sobre a formação de um *IV Reich*.

Aos ouvidos de um estranho, estas estórias soam como um chamativo à curiosidade em querer observar e entender melhor, independente de respostas definitivas. Principalmente se esse “de fora” – no caso, eu – já se interessava por áreas de estudos a respeito de Patrimônios, Memórias, Sociabilidades e Cidade.¹ Em um primeiro momento não havia percebido a casa de Hans Gasa como algo de

¹ O autor do presente trabalho é Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina – UEL, e durante o período de Graduação participou do IPAC/Lda (Inventário e Proteção do Acervo Cultural de Londrina) com sede na Casa do Pioneiro, localizada no *campus* universitário. Realizou conjuntamente com o IPAC/Lda diversos projetos de extensão e de pesquisa (Iniciação Científica), os quais se voltaram para análises das sociabilidades que os homens estabelecem com os lugares considerados espaços de memória. Também dos discursos elaborados pelos diferentes atores sociais, Poder Público Local e dos grupos dominantes da sociedade londrinense. Isso resultou no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sob o título: “‘Aqui tem História’: uma leitura sobre os usos e apropriações do lugar de memória Bosque Marechal Cândido Rondon – o ‘Bosque’”. No campo da Sociologia, este trabalho se ateve das reflexões acerca das relações de apropriação que a população de Londrina e região estabelecem com o “Bosque”, dos discursos do Poder Público Local e das significações e ressignificação que os homens comuns estabelecem com este lugar de memória. A escolha do tema para o projeto de pesquisa atual sobre a Casa Gasa em Marechal Cândido Rondon – PR foi motivado pela observação e percepção dos diversos imaginários criados em função das características peculiares que a casa possui, e da história de vida de seu antigo proprietário.

relevância, embora a arquitetura chamasse a atenção. Aos poucos, alguns comentários sobre a casa começaram a despertar minha atenção, especialmente quando algumas pessoas moradoras da cidade me relataram informalmente algumas histórias instigantes relacionadas à “Casa Gasa”. Por meio da curiosidade que surgiu a partir dos diálogos sobre a “Casa Gasa”, deu-se início a este trabalho, na tentativa de compreender os diversos discursos e imaginários.

O presente trabalho dissertativo está dividido em três capítulos principais, os quais estão divididos da seguinte forma: No primeiro capítulo está contida uma discussão teórico-conceitual, abordando questões relativas ao patrimônio, em suas formas material e imaterial. Além do conceito de memória, com ênfase na memória coletiva, introduzindo brevemente o conceito de imaginário, sendo este vinculado à memória. O conceito de imaginário propriamente dito foi debatido ao longo do trabalho, mais especificamente no terceiro capítulo. No primeiro capítulo ainda, é debatida a ideia de interdisciplinaridade, compreendendo sua importância no contexto dos estudos sobre patrimônios. Além de tópico específico sobre a relação imaginário e memória.

No segundo capítulo, são tratados aspectos relativos ao município de Marechal Cândido Rondon - Paraná, abordando elementos históricos e culturais, especialmente aqueles relacionados aos discursos da germanidade. Ainda, consta uma breve explanação sobre a vida de Heribert Hans Joachim Gasa, bem como análise de sua casa e de alguns aspectos geradores de imaginários. Este capítulo visa mostrar a representatividade do material deixado por Hans Gasa, e as peculiaridades de sua residência, aspectos estes que têm relação com os discursos produzidos e reproduzidos.

O terceiro capítulo tem como premissa uma discussão acerca dos imaginários na construção do patrimônio em Marechal Cândido Rondon. Além disso, apresenta-se uma visão dos conflitos que permeiam a situação da Casa Gasa atualmente, atentando para a necessidade de preservação deste espaço. Ainda, são apontadas algumas discussões relativas ao patrimonializar este espaço físico e simbólico.

Durante o trabalho (capítulos 2 e 3) são abordados aspectos sobre o Instituto Cultural Casa Gasa, o que visa a proteção do acervo deixado por Gasa.

O objetivo principal deste trabalho é o de compreender o conceito de Patrimônio Cultural a partir da análise do imaginário social em relação à Casa Gasa, constituindo este como um “lugar de memória”. Ao longo do trabalho, foi possível

perceber uma necessidade em tornar a Casa Gasa um espaço de preservação das histórias, bem como das “estórias”, construídas ao entorno da figura de Hans Gasa.

Como recurso metodológico foi realizado um levantamento bibliográfico para trabalhar os conceitos abordados nesta pesquisa. Além disso, foi realizada uma análise do objeto em questão por meio de publicações nas mídias locais, regionais e nacionais, por intermédio de periódicos impressos e em versões *online*, além de materiais em vídeo, como documentários veiculados em canal de televisão de abrangência estadual. Trabalhos acadêmicos realizados anteriormente foram utilizados como fonte de informações e referências na construção dos debates aqui apresentados.

Não foi possível o contato direto com Heribert Hans Joachim Gasa, uma vez que este faleceu no ano de 2003. Portanto, todo conhecimento sobre a figura deste, foi adquirido por meio de trabalhos realizados em contextos anteriores, como em matérias e entrevistas realizadas por mídias diversas.

No decorrer da pesquisa foram possíveis contatos - ainda que informais - com pessoas que possuíam relações diretas e indiretas com o objeto em estudo. Foi possível ainda a visitação à Casa Gasa, com a finalidade de conhecer detalhes dos aspectos físicos desta, assim, podendo emitir opiniões relativas à percepção pessoal sobre Casa Gasa. Apesar do contato pessoal com a casa e alguns objetos contidos nesta, optou-se por priorizar o “olhar” de outros, por meio da pesquisa nos meios formais - ou nem tanto... (Jornais, Revistas, *Blogs*, *Sites*, Livros, etc.), como forma de discutir os imaginários embutidos nos discursos.

Uma questão que se torna relevante explicitar quanto aos recursos metodológicos utilizados, está no uso dos discursos informais, os quais foram coletados em diversas ocasiões ao longo do desenvolvimento do trabalho, e mesmo antes da sua elaboração. Algumas questões são de extrema relevância, sendo que não puderam ser deixadas de fora das explicações aqui desenvolvidas, mas infelizmente não puderam ser colhidas de modo formal, por entrevistas, por razões diversas. Considerou-se adequado o uso destas ideias no trabalho, optando-se por acrescentá-las, entendendo que o conhecimento se constrói também cotidianamente, e não apenas de modo formal, assim, as falas dos indivíduos no cotidiano não poderiam ser consideradas irrelevantes nas abordagens aqui desenvolvidas.

CAPÍTULO 1 – DISCUSSÃO TEÓRICO-CONCEITUAL

*“Quem controla o passado controla o futuro; quem
controla o presente controla o passado”.
(Lema do Partido, descrito no romance 1984 de George
Orwell).*

No presente capítulo serão abordadas questões relativas aos conceitos utilizados ao longo do trabalho, sendo eles: Patrimônios, Imaginários e Memórias. Os Patrimônios são entendidos nas categorias material e imaterial, sendo o primeiro representado pela casa propriamente dita, bem como pelos objetos que a constituem. Enquanto o segundo se constitui pelos elementos discursivos e imaginados sobre a Casa Gasa e seu antigo proprietário.

O Imaginário é entendido neste trabalho como construção discursiva que perpassa o individual e torna-se coletiva ao passo que possui relação com os contextos históricos. As Memórias são percebidas como experiências subjetivas - mas também concretas - individuais e coletivas, possuindo relação com os imaginários, enquanto este último denota experiências não concretas, mas que podem originar-se com base em algo concreto. Quando as memórias são entendidas como concretas pode-se pensar no sentido da existência de algo material que remeta à memória, por exemplo, um objeto antigo, uma fotografia ou mesmo um lugar. Embora não alcance apenas ao plano material, quando, por exemplo, esta se refere a uma música, cheiro, etc. As experiências da vida são trazidas à tona por intermédio de estímulos externos e internos.

O presente capítulo é constituído ainda por discussões sobre a interdisciplinaridade nos estudos acerca dos patrimônios, ressaltando a complexidade deste tema e a necessidade de uma visão que perpassasse a disciplina, e compreenda o objeto em um caráter mais abrangente, de modo interdisciplinar.

O primeiro subitem, intitulado “Patrimônio Material e Imaterial: a institucionalização do saber local” tem como objetivo discutir o desenvolvimento do conceito de Patrimônio, abrangendo brevemente os novos significados atribuídos a este.

O subitem seguinte intitula-se “A interdisciplinaridade nos estudos sobre Patrimônios”, o qual tem a intenção de ressaltar a diversidade de compreensões acerca dos Patrimônios, atribuindo importância à visão interdisciplinar sobre o tema.

O terceiro subitem do capítulo tem o título “Imaginário e Memória”, sendo que neste objetiva-se compreender uma possível relação acerca destes conceitos. Configura-se no subitem mais longo desse capítulo e traz uma discussão teórico-conceitual dos termos memória e imaginário.

Por fim, o tópico “Sociabilidades: Sucinta discussão” é constituído por uma análise sobre a sociabilidade dos homens, caracterizados enquanto sujeitos da

história. Atores que vivenciam as relações – por ora conflituosas e por ora condizentes - entre a história local e a história oficial.

1.1 PATRIMÔNIOS MATERIAL E IMATERIAL: A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO SABER LOCAL

Para a abordagem eleita neste trabalho, a utilização do termo “patrimônios” foi pertinente ao passo que abrange uma ampla complexidade de sentidos e significados. O termo tem relação, principalmente, com o conceito antropológico de patrimônio, isto é, o patrimônio cultural, muito embora os demais conceitos sobre o patrimônio, como o patrimônio histórico e artístico, o patrimônio urbano, natural, edificado, etc., também não deixam de serem resultados da produção cultural de um povo, conquanto que as suas análises e abrangências sejam mais específicas e não dispõe da produção cultural total e complexa que uma população produz. Nesse caso, as definições de determinados gêneros de patrimônios seguem uma linha um tanto direcionada, motivadas, na maior parte, por relações atribuídas ao que foi considerado importante ou notável na produção histórica de um povo ou nação, viabilizando um caráter mais formal e um tanto elitizado.

Ainda que as próprias políticas de “patrimônio”, ou seja, os esforços dispendidos para a preservação daquilo que é criado pela cultura, tanto material quanto imaterial, já poderiam ser consideradas como um patrimônio cultural. Referente a isso, os aspectos empregados para definir o que é e o que não é patrimônio, não passam pelo crivo de importância e notabilidade dos aspectos elitizados e do Poder Institucionalizado. O patrimônio cultural em suas divisões – material e imaterial – agrega sentidos e apropriações que os “homens simples” estabelecem no cotidiano para as suas produções culturais, e nisso engloba tudo que é relacionado à cultura.

No caso do patrimônio material, seriam os objetos produzidos mediante o trabalho (trabalho no sentido original de transformação do natural em cultura). Enquanto o patrimônio imaterial “é a forma institucionalizada de reconhecimento e salvaguarda das manifestações culturais” (TURATTI; GODOY, 2012, p. 45). Assim, o

que se entende por patrimônio imaterial remete-se aos saberes locais, já que na cultura prevalecem os saberes coletivos os quais são transferidos de uma geração para outra. Neste caso, quando se patrimonializa o imaterial, acarreta-se uma tentativa de cristalização daquilo que é abstrato.

Deste modo, no atual contexto político do Estado brasileiro, considerando a redemocratização pós 1985 e principalmente com a promulgação da Constituição de 1988, ampliaram possibilidades de discutir diferentes composições e concepções a respeito de patrimônio. Diante desse fato, os diversos saberes podem ser reconhecidos como patrimônios e, portanto, passíveis de institucionalização decorrente das necessidades sociais, políticas ou institucionais.

As transformações industrial e urbana, frequentemente possibilitam que comunidades fundamentadas na oralidade pela difusão das suas origens sejam descaracterizadas. Seja pela globalização, midiaticização e a imposição da homogeneização de uma cultura “dominante”, proporcionam-lhes readaptações ou ressignificações culturais, que conduzem reformulações do “saber local” e/ou estabelecimento de novos saberes enquanto portadores de memórias próprias ao contexto. Conforme Le Goff (1996), esses saberes são preservados por práticas sociais não institucionalizadas, nas ditas comunidades arcaicas ou primitivas com certo modo de apropriação do tempo pela oralidade e representações (como pinturas, etc.). Enquanto que nas sociedades ditas modernas comumente criam-se formas institucionalizadas para preservação dos saberes (Universidades, Escolas, Bibliotecas, Museus e patrimônios materiais e imateriais).

Apesar de todos os esforços dispendidos para salvaguardar os saberes locais de comunidades existentes - evitando que em momento futuro estes saberes passem a não existir mais - poder-se-ia simplesmente compreender o papel dos sujeitos sociais, longe de qualquer estruturalismo, o qual enquadra o sujeito em sua função na sociedade e para ela, estabelecendo um comportamento inerente ao seu papel. Entenderíamos a liberdade dos atores interagindo com os signos originais produzidos por outras fontes.

A institucionalização dos saberes passa a ser uma postura “política orientada simultaneamente pela manutenção da transmissão dos saberes afeitos ao bem cultural, pela valorização de seus executantes e elege os criadores e detentores desses bens culturais como foco principal das ações patrimoniais” (TURATTI;

GODOY, 2012, p. 53) que na sociedade urbana ocidentalizada, faz emprego da história para organizar seu passado.

No campo da discussão científica, os saberes locais revelam-se como quebra de paradigmas ou estabelecimento de novos paradigmas. Ainda que isso não seja a regra, enquanto, na maioria dos casos, o paradigma tradicional se traduz no saber Oficial. Por isso, durante muito tempo o conhecimento tradicional e por fim, oficial obteve maior destaque dentro do campo dos estudos acerca do patrimônio, prevalecendo o sentido histórico do termo e pouco o sentido antropológico. Cidades históricas, construções notáveis, atos de bravura das personalidades reconhecidas como tal eram (e ainda é) transformadas em patrimônios nacionais diante da ideia do notável, belo e excepcional.

Mesmo que o conhecimento seja considerado como “oficial” para a sociedade atual, antes de ser estabelecido como “oficial” ele advém do saber local.

Mas sendo local, o conhecimento pós-moderno é também total porque reconstitui os projetos cognitivos locais, salientando-lhes a sua exemplaridade, e por essa via transforma-os em pensamento total ilustrado. A ciência do paradigma emergente, sendo, como assumidamente analógica, é também assumidamente tradutora, ou seja, incentiva os conceitos e as teorias desenvolvidos localmente a emigrarem para outros lugares cognitivos, de modo a poderem ser utilizados fora de seu contexto de origem. Este procedimento, que é reprimido por uma forma de conhecimento que concebe através da operacionalização e generaliza através da quantidade e da uniformização, será normal numa forma de conhecimento que concebe através da imaginação e generaliza através da qualidade e da exemplaridade (SANTOS, 1995, p.48).

Embora o saber local ainda não reconhecido como saber oficial até dado momento, ele constitui-se com significação peculiar, e quando então passa a ser oficializado, podendo ser influenciados por questões diversas, difere-se do sentido anterior.

Os imaginários enquadram-se como um “saber local”, que não foi institucionalizado, mas que possui valor simbólico e significados particulares à coletividade. O imaginário caracteriza-se pela apropriação discursiva, que revela aspectos de uma determinada cultura, embora habitualmente não sejam formalizados enquanto conhecimento oficial.

1.2 A INTERDISCIPLINARIDADE NOS ESTUDOS SOBRE PATRIMÔNIOS²

Quem fala sobre patrimônio histórico [e as variações do termo patrimônio]? Há vozes bastante conhecidas: historiadores, arquitetos, arqueólogos, geógrafos, sociólogos, antropólogos, juristas... Falas geralmente respaldadas por um saber que se pretende “científico” e por um lugar de onde se está “autorizado” a emitir julgamentos (SILVA, 1992, p. 17).

Quanto ao assunto patrimônios, existe uma diversidade de concepções e experiências que percorrem a sociedade. A sociedade, ao mesmo tempo, define critérios particulares aos sentidos de patrimônios (étnicos, geográficos, políticos, profissionais, classistas ou reivindicatórios) com base em suas demandas com relação à memória, indicando novos espaços de historicidade. As relações que se configuram neste campo de pesquisa são marcadas pela tensão entre a historicidade – elemento contribui para a identidade aos grupos que compõe a sociedade - com a concepção de exclusividade na competência de falar sobre os patrimônios, esta atribuída aos especialistas da área. Incumbidos de discutir o saber como patrimônio.

A questão que se coloca é: por que estudar os patrimônios sob a perspectiva interdisciplinar? Existem variadas respostas à questão proposta, algumas delas serão abordadas no decorrer deste tópico.

A adoção de um estudo interdisciplinar nas questões sobre os patrimônios contribui para uma diferente compreensão do tema, devido ao fato de que estes objetos são dotados de complexidade. Sendo assim, uma única perspectiva disciplinar teria um enfoque distinto do ponto de vista interdisciplinar, conduzindo a uma perspectiva mais especializada conforme as necessidades de cada disciplina.

Na complexidade do objeto “patrimônios”³ são por muitas vezes enfocados apenas os saberes restritos a uma disciplina em específico, conforme as necessidades de cada área ou da própria pesquisa. Os Patrimônios, por si só, estão

² Boa parte desta reflexão foi retirada e adequada de uma apresentação da 15ª JELL – Jornada Internacional de Estudos Linguísticos e Literários que ocorreu no dia 20 a 23 de junho de 2012. Publicado nos anais do evento [mídia] no ano seguinte.

³ E aí estão incluídos todos os adjetivos conhecidos para definir uma área de qualificação ao termo patrimônio, por exemplo, poderia citar patrimônio histórico, natural, e por aí seguem as demais definições. A mais recorrente e usual seria o patrimônio cultural, o que torna a definição de patrimônio mais ampla, pois remete à construção cultural dos povos transformada em um legado, em que todo ser humano a produz, e como tal, uma casa também é uma produção da cultura, uma vez que é carregada de sentidos.

carregados de complexidades e apenas uma especialidade não poderia dar conta de todas as discussões que o objeto propõe.

Com um enfoque interdisciplinar, há toda uma construção histórica dos objetos, identidades, relações sociais, culturais, antropológicas e sociológicas. E quando o objeto de análise é um bem físico, existem ainda as compreensões artísticas, arqueológicas, arquitetônicas e das engenharias.

Os patrimônios, de um modo geral, também carregam em suas compreensões um interesse mercadológico, turístico e político, além dos diversos discursos que estão relacionados. Relevante é também considerar as características geográficas do ambiente onde o patrimônio está inserido, de modo a compreender as peculiaridades da área analisada. Neste sentido, para que seja dada uma interpretação integradora a compreensão dos patrimônios é pertinente que haja uma articulação entre os diversos olhares advindos das ciências que podem estudar o tema.

O conceito de disciplina remete ao domínio de uma técnica ou de conhecimento aprofundado e/ou especializado de uma área, buscando mais rigor, clareza e exatidão. De acordo com Casanova (2006), os estudos interdisciplinares não negam a disciplina. A interdisciplina gera novos vínculos e renova vínculos anteriores entre as ciências, permitindo relações entre os conhecimentos, os quais em certos momentos favorecem a pesquisa e o entendimento da realidade complexa. Na interdisciplinaridade há a necessidade de articular os conhecimentos sobre o mundo, relacionando os elementos referentes à temática. Então, para se compreender a totalidade e o conjunto, a interdisciplinaridade faz a relação entre os diversos saberes fragmentados (especializados) que conduzem o conhecimento humano no mundo contemporâneo.

O diálogo entre as diferentes disciplinas não é um desafio simples, pois na sociedade moderna há uma crescente demanda de conhecimentos especializados, os quais devem estar voltados para determinadas finalidades, ou seja, são conhecimentos que correspondem às necessidades particulares das inúmeras áreas do saber. A interdisciplina não busca apenas as relações e articulações de certas disciplinas com outras, busca ainda as relações das partes com o todo, do particular com o universal. Portanto, a interdisciplina busca novos sentidos para o conjunto, para a totalidade, principalmente em relação aos objetos complexos, orientados para objetivos e para sistemas dinâmicos.

Assim, a interdisciplinaridade vai ao encontro dos estudos sobre o patrimônio, pois há uma gama de sentidos que os homens estabelecem entre si e para com os lugares, espaços, objetos e as imaterialidades que constituem o chamado patrimônio cultural. Desse modo, a cultura é considerada dinâmica e ampla, e é por meio dela que as relações e os sentidos são instituídos. De acordo com Santos (1995, p. 49), “a composição transdisciplinar e individualizada para que estes exemplos apontam sugere um movimento no sentido da maior personalização do trabalho científico. Isto conduz à terceira característica do conhecimento científico no paradigma emergente”. O emergente compreende não apenas o conhecimento global, o saber institucionalizado e a “história do vencedor” como formas válidas do saber. Ele possibilita um “novo descobrir”: o conhecimento local.

1.3 IMAGINÁRIO E MEMÓRIA

Memória e Imaginário são termos que denotam experiências subjetivas, individuais aos sujeitos, mas também coletivas.

Frequentemente encontram-se falas de pessoas que se “lembram” de fatos que talvez nunca tenham ocorrido, episódios fantasiados ou brevemente registrados na memória, subjetivados pela ação do tempo, ou realidades passadas que, quando narradas no presente representam opiniões e visões próprias e individuais e/ou contraditórias se comparadas com outras narrativas lembradas do passado sobre o mesmo fato. Isso acontece porque os imaginários têm liberdade (volatilidade, subjetividade) maior que a memória. Mas como a memória individual permite brechas, falhas ou esquecimentos espontâneos ou propositais, torna-se um caminho fácil para a formulação de novos imaginários e ainda possibilita que os imaginários existentes “acobertem” essas brechas de memória.

Com base em uma análise freudiana sobre a memória, parafraseando Mednicoff (2008), a memória é parte do psiquismo, e às situações recordadas é dado o nome de lembranças. Portanto, as memórias e as lembranças referem-se às coisas que já passaram e que são reproduzidas pelo psiquismo em momentos específicos. Já, quanto às situações que os indivíduos pensam que vivenciaram ou que acreditam estarem vivenciando – sobre as quais produzem imagens mentais –

estas são chamadas de imaginação. Assim, tanto as memórias, quanto as imaginações são formuladas no psiquismo humano.

Existem diferenças entre imaginário e imaginação e, sendo que a imaginação remete-se às coisas que não foram vivenciadas, mas que são desejadas ou não.

Quanto ao imaginário, torna-se mais relevante considerá-lo no campo das representações, no sentido de formulação do simbólico. Apesar das peculiaridades dos conceitos, Imaginário e Imagem estão relacionados, pois somente pela imaginação é que se podem construir os imaginários. Tanto Freud quanto os demais autores da psicanálise, em suas bases de concepções, possuem a ideia de que o sujeito não é todo razão, mas que possui a subjetividade do inconsciente. Assim, as representações mentais não são formuladas no plano consciente apenas, permeando também aspectos subjetivos e, portanto, passíveis de múltiplas versões, influenciadas pelas particularidades das vivências psíquicas dos sujeitos.

Imaginário tem relação com imagem e isso o torna mais livre e individual e pode ser construído a partir de encadeamento de imagens que alcançam os indivíduos, aliado ao que este indivíduo possui em sua mente: imaginação, conhecimento racional, memórias vividas, etc. Uma imagem pode ser entendida pela mente por meio de um complexo sistema de decodificação do simbólico, criado pelo cérebro em uma relação recíproca com o ambiente humano, por meio dos aspectos culturais. O imaginário também possui um caráter coletivo.

De acordo com Ricoeur citado por Tedesco, “memória e tempo se interpenetram; a primeira continua, em última instância, a guardiã do que se **imagina** e se **acredita** ter efetivamente ocorrido no tempo” (RICOEUR *apud* TEDESCO, 2011, p. 10).⁴ Essa noção de memória guardiã dos efetivos acontecimentos no tempo é relativa, pois a memória não cria uma representação imagética perfeita de um ocorrido. Nesse sentido, os imaginários têm caminho livre para o seu florescimento. O mistério é o grande fomentador dos imaginários, e estes imaginários também são constituídos pela intuição da realidade (ou o que se supõe realidade) que é/está desconhecida.

A memória também está associada aos fenômenos culturais das sociedades. É por meio dela que podemos reter as informações que captamos cotidianamente na vida social e individual. Quando se tratando de informações da vida social, desde a

⁴ Destaques meus.

formação do “ser”, começa um processo de retenção de informações do mundo exterior, sendo que esse processo termina apenas com a morte do indivíduo. É nesse contexto que se constrói o aprendizado da vida em sociedade, suas normas, regras e condutas, ou seja, a moral. A memória consiste, portanto, na capacidade de reter informações, filtrá-las e/ou desapreciá-las e, posteriormente, por meio de algum estímulo trazer a imagem daquilo que guardamos. Ela contribuiu para transformar a natureza selvagem do homem em humanidade.

Por sua vez, a palavra memória origina-se do termo grego *mnemis* ou do latim, *memoria*. Em ambos os casos a palavra denota a capacidade de guardar ou adquirir ideias, imagens e conhecimento; em síntese significa conservação de uma lembrança. Segundo a mitologia grega, a memória estava recoberta de um halo de divindade, pois se referia à "deusa Mnemosyne, mãe das Musas, que protegem as artes e a história" (CHAUÍ, 2005, p. 138), caracterizada pela preservação da memória terrena. A "memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais" (CHAUÍ, 2005, p. 138).

A base da aprendizagem é a memória, pois só podemos nos desenvolver intelectualmente através do conhecimento de um conceito sobre outro, em uma construção cotidiana. De tal modo, se o conhecimento primário estiver bem consolidado na memória, o indivíduo conseguirá adquirir conhecimentos mais complexos posteriormente, em uma construção permanente.

Pode-se afirmar que uma das razões da existência da sociedade deve-se ao fato da existência da memória e a capacidade subjetiva humana de lidar com ela, pois o aprendizado humano e a reprodução deste devem-se à memória. Isso fez com que o homem saísse da natureza “natural” e entrasse na natureza “artificial”: a codificação e decodificação de símbolos, a linguagem, os sentidos concedidos às coisas, a cultura, a vida coletiva, a civilização, etc. A criação do campo imaterial da cultura.

Sem a memória, não se poderia guardar os fatos, assim o homem não aprenderia pela experiência. E sem a racionalidade não haveria a capacidade de lidar com aquilo que foi guardado (apreendido) e relacionar com outros elementos externos à memória.

O que define o ser humano é a habilidade de reter informações e processá-las por meio da habilidade racional. A partir disso pode-se explicar a vida em

sociedade, assim como a cultura. De tal modo, obteve-se a capacidade de criação. Nesse sentido, essa capacidade de reter informações, armazená-las, coordená-las, processá-las e transmiti-las conforme a intersubjetividade é que se denomina como memória.

A memória coletiva constitui-se como a memória partilhada entre os indivíduos, funcionando conforme a “consciência coletiva”. O conceito de consciência coletiva, formulado por Durkheim (1999) serve para explicar a força existente na sociedade, que age no indivíduo e o faz agir e pensar de acordo com as normas e regras presentes nesta sociedade na qual está inserido, devido ao processo de socialização pelo qual passou ou passa. Ainda conforme Durkheim, nas sociedades modernas, decorrentes da solidariedade orgânica⁵, a consciência coletiva abre brechas ao individualismo – e de acordo com Halbwachs (2006), em uma releitura de Durkheim, a memória coletiva influencia as memórias individuais.

A memória coletiva não necessariamente se sobrepõe à memória individual. Isso não quer dizer que a memória individual não existiria sem ela. Existiria sim, mas as lembranças guardadas são mais facilmente perpetuadas e exteriorizadas quando inseridas dentro de um contexto. Uma imagem, algum som ou qualquer percepção captada pelo corpo é retida pelo cérebro quando este estabelece uma contextualização com algo exterior ao indivíduo. Assim, posteriormente as lembranças “retornam” ligadas a uma situação passada. Como neste exemplo simples: ao ouvir uma música, a canção remete a uma lembrança do indivíduo conduzindo-o aos sentimentos vivenciados, imagens ou lugares, pois a música está relacionada a um contexto exterior.

Sobre as memórias, Halbwachs (2006, p. 64) relata que

é muito comum atribuímos a nós mesmos, como se apenas em nós se originassem as ideias, reflexões, sentimentos e emoções que nos foram inspiradas pelo nosso grupo. [...] É assim que em geral a maioria das influências sociais a que obedecemos permanece desapercibida por nós.

⁵ A solidariedade orgânica, conforme Durkheim, resulta da evolução da sociedade que anteriormente encontrava-se em uma forma de solidariedade mecânica. Esse processo evolutivo ocorreu por diversos fatores, como os demográficos, devido ao crescimento populacional, ocasionando intensidade de interações, complexidade de relações sociais e aumento na qualidade dos vínculos sociais. A sociedade moderna constitui-se enquanto solidariedade orgânica, pois ela resulta da diversidade entre os indivíduos e das funções sociais exercidas. No mais, neste tipo de organização a união entre os indivíduos não se faz pela crença e as ações. O que integra os indivíduos neste modelo de solidariedade é a interdependência das funções sociais (DURKHEIM, 1999).

Ocorre nesse caso que a realidade é muito mais complexa e são mais numerosas e entrecruzadas as influências sociais, “por isso não conseguimos desenredá-las tão bem e as distinguirmos mais confusamente” (HALBWACHS, 2006, p. 65).

A Memória é um tema recorrente nas várias ciências, sendo absorvida pelas novas correntes historiográficas. Tedesco (2011) reflete sobre a memória em uma análise sócio-histórica no livro “Passado e presente em interfaces”, quando discute a respeito da influência ou a relação entre política e memória. É apresentada no livro em questão uma imagem emblemática do ex-ditador alemão Adolf Hitler, cumprimentando o povo em uma relação de proximidade. Imagem a qual encontra-se logo abaixo.



Figura 1 - Adolf Hitler era admirado pelo povo.

Fonte: <<http://aterceiranoite.org/2010/05/06/nazismo-pilhagem-e-bem-estar/>>.

A fotografia no livro de Tedesco mostra todo o esforço despendido das pessoas para tocar a mão do ex-ditador. O povo - em expressões que demonstram alegria e extrema agitação - é composto por mulheres, homens civis e militares. Após visualizar a figura, uma questão vem à cabeça: como pode um ditador historicamente considerado cruel ser adorado pelas pessoas?

Uma das respostas está envolvida na relação memória e política. As relações sociais e políticas construídas têm relação direta e indireta com a memória social. Aqueles que têm o controle do que lembrar e do que esquecer conseguem manipular a vontade do povo. O termo “povo” está sendo usado nesta reflexão de modo genérico, mas na Alemanha de Hitler, o povo não compreendia toda a população, mas sim grupos que se consideravam naquele determinado momento como povo, mas que em outros momentos não.

Hitler fez uma leitura dos anseios populares e colocou esses anseios no discurso político como artifício para alcançar o poder e manter o controle do Estado. Isso não só aconteceu com Hitler, mas ocorre e ocorreu com os diversos ditadores e déspotas que a História relata. Como estratégia para permanecer no poder, um governo autocrata apodera-se e manipula a memória social, por meio de artifícios ideológicos. “A utilização deliberada do esquecimento manifesta o caráter seletivo da lembrança e, por isso, da instrumentalização e uso da própria memória” (TEDESCO, 2011, p. 37). Portanto, todas aquelas lembranças que não convêm para um dado grupo, governo, ou pessoa são rejeitadas, esquecidas e silenciadas, permanecendo apenas aquilo que denota as lembranças “boas”, ou que convêm naquele momento.

A memória possui uma função política importante. Pode ser utilizada por governantes, em especial dos regimes autoritários e centralizadores, para produzir sentimentos e processos coercitivos coletivos, adesões irracionais e incontestes, consciência e memória coletiva. Também pode servir para os movimentos sociais em suas reivindicações, ritualidades e reconhecimento histórico. A legitimidade no/do poder pressupõe comparações de fatos em tempos variados, enquadramentos e apagamentos, bem como novas ritualidades e simbologias. Nesse sentido, o campo de ação da memória social e da memória política torna-se fértil.

Essa forma de controle ocorre em Estados oligárquicos e até mesmo democráticos, nos quais permanecem no poder os grupos que o controlam por meio da manipulação da memória coletiva. No entanto, nem sempre ocorre desta forma. Na maior parte dos casos há um jogo constante de rearticulações de estratégias de dominação. Estas se baseiam em tentativas de criação de consciências coletivas, que instituem comportamentos sociais conforme a vontade dos grupos hegemônicos. Assim, isso acontece por ser a memória parte intrínseca da vida humana, em todas as esferas sociais.

1.4 SOCIABILIDADES: SUCINTA DISCUSSÃO

Os debates sobre os saberes remetem-se às discussões sobre a produção da história. Por meio da cultura os homens produzem sua história cotidiana, assim como a história dos homens reproduz a cultura. Significa dizer, de acordo com Martins (1992), que na vivência da cidade – mas não somente nas cidades, como nos demais lugares onde o ser humano estabelece sua vida social – os homens tecem relações e conferem sentidos à sua existência individual e coletiva. O cotidiano é o lugar onde os homens constroem a sua história em vista das circunstâncias nas quais se encontram e as quais defrontam: passado e presente, valores e vontades, sonhos e possibilidades. É neste viés que insurge o paradigma emergente, conforme descrito por Santos (1995, p. 36): “a configuração do paradigma que se anuncia no horizonte só pode obter-se por via especulativa. Uma especulação fundada nos sinais que a crise do paradigma atual emite, mas nunca por eles determinada”. É nesse sentido onde os sujeitos operam.

O “homem comum” faz a sua história - a “história circunstancial” - assim sendo, a definição do termo “homem comum” refere-se ao personagem anônimo do cotidiano de uma urbe, um homem que está fora da História Oficial⁶, ou seja, dos grandes feitos documentados. Porém, ele continua sendo um agente e ator da sociedade na qual está inserido, desse modo cria a sua própria história, a história que não é a oficial, portanto, o que se definirá também como a “história circunstancial” (MARTINS, 2011).

A pessoa não se reconhece na história que produz. O criador desliga-se da criação na práxis deste cotidiano, pois existe uma ligação entre a história local e a “história geral” na qual a história local tende a imitar a “história geral”. Há uma relação de oposição entre o homem e sua obra, motivada por uma relação que passa despercebida ao sujeito. Mesmo assim,

[...] a história local de modo algum imita imediatamente a História, assim também, contraditoriamente, a pesquisa e o estudo dos grandes processos históricos não reconhecem na escala dos grupos

⁶ Ainda que não esteja explícito na obra de Martins, é pertinente frisar que o homem comum não está excluído totalmente da história oficial, pois possui direito de escolha política e de atuações na sociedade. Ele constitui-se como cidadão dentro de um Estado de direitos, fatores que estão relacionados com a constituição da história oficializada.

locais e dos sujeitos e suas pequenas contradições os protagonistas ocultos ou embaçados da História. Todos estão procurando o sujeito típico ideal e o protagonista mítico, que, no fundo, é irreal (MARTINS, 2011, p.132).

Portanto, mesmo que haja todo esse processo de supressão na produção da história local, ela não será igual à história oficial. A história cotidiana e a história oficial possuem relações entre si. Leva-se em consideração que essa relação se estabelece por meio de um conflito, pois a história oficial tradicionalmente se faz pelo registro dos grandes feitos. A partir de meados do século XX, a História como ciência passa a dar mais respaldo às narrativas construídas no cotidiano dos homens comuns, ainda que a historiografia se constitua dentro de um processo de construção, e que essa também sofra influências com base no pensamento da comunidade científica, pautada em uma visão conservadora de ciência.

Apesar de todo conflito, as ações cotidianas podem ter representação na história oficializada, assim como podem ter sentido mais estritamente ao grupo apenas. Do mesmo modo, os homens no cotidiano podem ser influenciados pela história oficial, em menor ou maior grau, mas em raros casos poderão viver ilesos a ela.

Aproximando estas reflexões com o objeto deste trabalho, nas discussões a respeito da Casa Gasa e sobre o patrimônio cultural de Marechal Cândido Rondon, o saber local faz com que os homens simples criem suas histórias circunstanciais, de modo que a população, conduzida pelos imaginários, estabelece um sentido ao lugar, e esse gera também sentimentos de pertencimento. Significam e (re) significam os discursos que refundam uma identidade e ascendência, remetendo à colonização e enaltecendo o labor dos colonizadores, assim como a origem germânica. Em vista disso, não pode se excluir o processo histórico por qual passou a Casa Gasa, pois denota uma relação tênue entre o processo migratório no município e a história da própria casa.

**CAPÍTULO 2 – MARECHAL CÂNDIDO RONDON, A CASA GASA E A
CONSTRUÇÃO DOS DISCURSOS E IMAGINÁRIOS**

A cidade é composta por símbolos históricos e culturais que remetem a memória dos habitantes à passados remotos, ou não tão distantes.

Neste capítulo, será realizada uma abordagem sobre o município de Marechal Cândido Rondon, no Paraná, no qual está localizada a “Casa Gasa”. Assim, o contexto sociocultural está interligado ao contexto histórico e geográfico deste município, abarcando aspectos relativos à presença significativa dos discursos ligados à germanidade e os imaginários e histórias que deste derivam. O subitem possui como título “Marechal Cândido Rondon-PR: Breve contexto histórico e geográfico”.

Após a contextualização do local “de onde se fala”, há um tópico intitulado “Heribert Hans Joachim Gasa: uma vida permeada de mistérios”, o qual trata sobre a vida de Hans Gasa, ainda que brevemente, com base em materiais já publicados sobre este. Além disso, foram abordados os imaginários que envolvem a vida do imigrante alemão, como uma possível vinculação ao nazismo. Há ainda uma discussão sobre a suposta presença de nazistas na região, com base em informações publicadas à época, além de outras mais atuais.

O terceiro subitem do capítulo intitula-se “A Casa Gasa”, onde serão debatidos os aspectos peculiares – materiais e imateriais - da residência de Hans Gasa. Foram utilizadas imagens que apresentam detalhes curiosos da casa, os quais contribuem para a construção dos imaginários como complemento às discussões. Também é apresentado o “Instituto Cultural Casa Gasa”, que ficou responsável pelo acervo deixado pelo antigo morador da casa.

Por fim, o capítulo encerra-se com o subitem “Os imaginários e as Memórias acerca da Casa Gasa”, que se propõe a discutir alguns imaginários construídos referente à Casa Gasa e a figura de Heribert Hans Joachim Gasa. Neste tópico também são utilizadas imagens demonstrativas dos principais elementos da casa que aguçam os imaginários. Grande parte dos imaginários possui relação com o nazismo, com base nas vivências de Hans Gasa em um contexto anterior a sua vinda a Marechal Cândido Rondon.

2.1 MARECHAL CÂNDIDO RONDON-PR: BREVE CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

Na área central de Marechal Cândido Rondon foi construído um imóvel de propriedade de Heribert Hans Joachim Gasa, objeto da presente pesquisa. Constituiu-se como uma casa com características arquitetônicas que chamam a atenção. Quando Gasa estava vivo, era referenciada apenas como a casa do “Seu Gasa”, que aguçava curiosidades e alimentava imaginários. Após seu falecimento, ela passa a ser conhecida como “Casa Gasa”, e as curiosidades e imaginários perpetuaram-se.

Marechal Cândido Rondon está situado na microrregião de Toledo, no Oeste do Paraná. Segundo estimativa populacional do IBGE para o ano de 2012, o município em questão possuía 47.697 habitantes. Faz divisas “com os municípios de Mercedes a norte-noroeste, de Nova Santa Rosa a Nordeste, de Quatro Pontes e Toledo a Leste, de Ouro Verde do Oeste a sudeste, de São José das Palmeiras ao Sul, de Entre Rios do Oeste e de Pato Bragado ao sudoeste e com a República do Paraguai, através do Rio Paraná, a oeste” (PFLUCK, 2007, p. 122). Abaixo segue uma figura ilustrativa com destaque para a posição do município no Estado do Paraná.

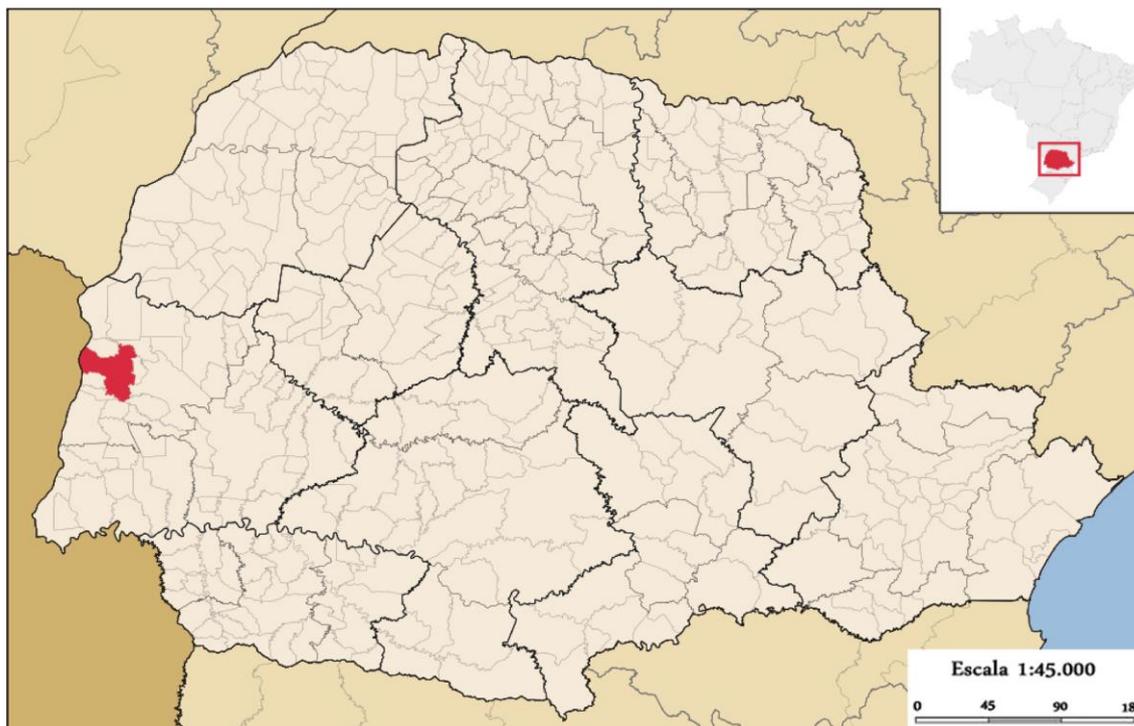


Figura 2 – Localização geográfica de Marechal Cândido Rondon.

Edição: POLON, Paulo Henrique Heitor.

Fonte:

<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/6/66/Parana_Municip_MarechalCandidoRondon.svg/1024px-Parana_Municip_MarechalCandidoRondon.svg.png>.

Marechal Cândido Rondon é um município relativamente novo, emancipado em 25 de Julho de 1960. Anteriormente, pertencia ao município de Toledo sob a denominação de “Vila General Rondon”. Sua existência se deve ao empreendimento imobiliário promovido pela empresa colonizadora “Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S.A – MARIPÁ”. Companhia que adquiriu uma significativa propriedade de terras denominada de “Fazenda Britânia” e a loteou em pequenas propriedades rurais e lotes urbanos, além de explorar as abundantes riquezas vegetais presentes no território.

Abaixo segue mapa com a localização da Fazenda Britânia, situada na região Oeste do Paraná, onde atualmente estão os municípios de Toledo e Marechal Cândido Rondon. A imagem ilustra algumas fazendas da região, além da delimitação geográfica das regiões Oeste e Sudoeste e a faixa de fronteira, com seus 150 km de largura. A imagem apresenta aspectos do antigo e do novo, em um sentido de compreensão das transformações.

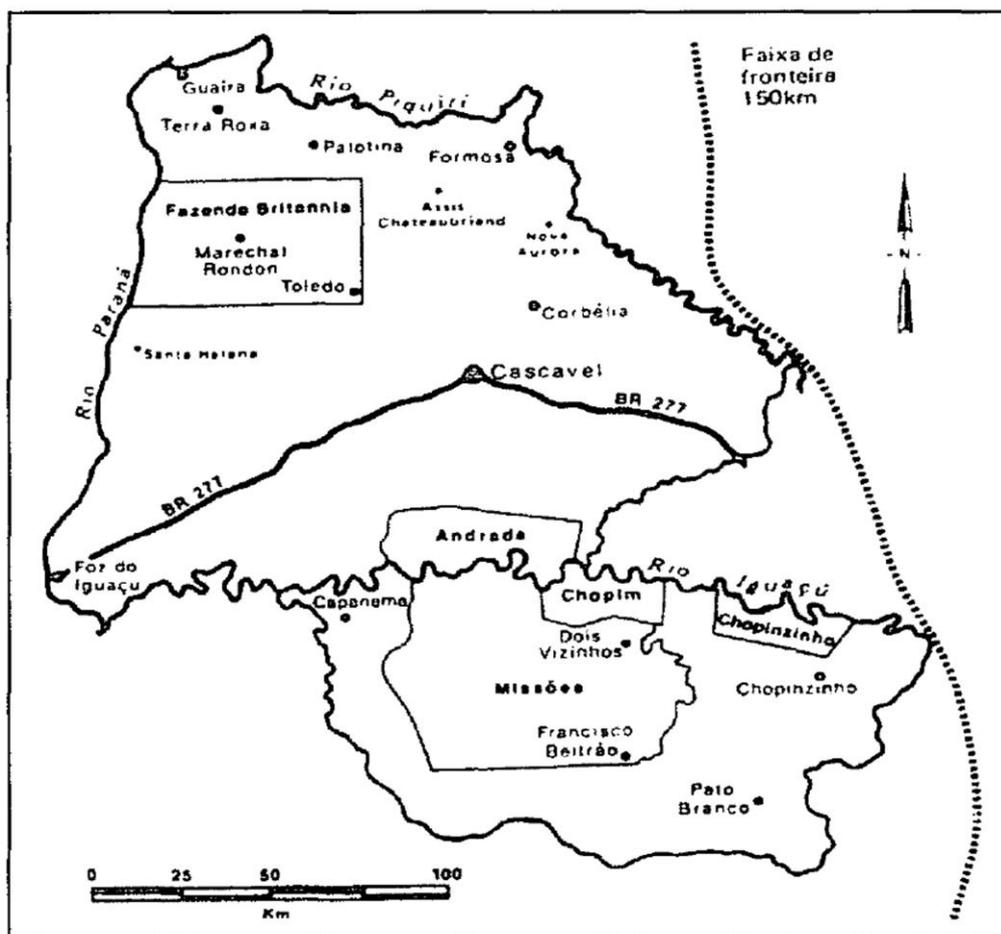


Figura 3 - Localização da Fazenda Britânia

Fonte: FOWERAKER, Joe. **A luta pela terra: a economia política da fronteira pioneira no Brasil de 1930 aos dias atuais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 180.

Edição: POLON, Paulo Henrique Heitor.

A execução da colonização da Fazenda Britânia se deu da seguinte maneira:

A colonizadora Maripá dividiu a sua fazenda em lotes rurais longos, chamados colônias, beneficiando cada uma com pelo menos um curso de água. Cada colônia tinha em torno de 25 hectares e 200 m de frente, e poderia ser ocupada por uma família. Além disso, delimitou os núcleos ou vilas que deveriam concentrar 3 a 4 mil famílias (PFLUCK, 2007, p. 122).

A MARIPÁ vendeu os lotes predominantemente para colonos provenientes dos Estados da Região Sul do Brasil: Santa Catarina e Rio Grande do Sul, priorizando que os compradores fossem preferencialmente descendentes de europeus.

O estabelecimento do imaginário da “terra prometida” foi formulado antes mesmo da criação do município de Marechal Cândido Rondon, por meio das

narrativas que evidenciavam a qualidade dos solos da região, além da possibilidade de uma “nova vida” em um local onde as condições de produção e reprodução eram favorecidas pelas qualidades naturais. Conforme analisado por Maccari (1999, p. 53-54), “antes de migrar para esse novo espaço físico, ocorre, por parte dos migrantes, um processo de idealização do lugar de destino”.

Navegável até São Paulo

O maior desejo de cada Agricultor é:
que seu filho deve ter uma vida melhor
Por isso devem procurar comprar terra de cultura, livre de morros, pedras, formigas e rica em água, clima saudável, terra fértil e de fácil escoamento dos produtos.

Todos estes desejos o Senhor encontra reunidos em TOLEDO, na Fazenda Britânia no Estado do Paraná.

O título da Fazenda Britânia tem mais de 45 anos oferecendo portanto todas as garantias de uma terra legal e que proporciona ao comprador escritura imediata.

TOLEDO com apenas 3 anos de existência é paróquia, tem colégio de freiras com 170 alunos, médicos, hospital, farmácia, indústria, profissionais, bom comércio e cinema.

Há na Fazenda Britânia 285 quilômetros de estradas de rodagem, conservadas por patrões e tratores, oferecendo ao comprador o máximo acesso à sua colônia.

As terras são planas e são apropriadas para lavoura mecanizada.

O mato é formado por todas as espécies de madeira de lei que prova a fertilidade do solo.

PORTO MENDES, com seus grandes armazéns e moderna instalação maquinária para carregamento de navios, construídos pelo governo Federal está aguardando tua produção.

Os preços das terras são os seguintes: Cr\$ 10.000,00 a Cr\$ 13.000,00 a colônia de 10 alqueires, com condições de venda 1/3 a vista, 1/3 em 6 meses, 1/3 em 12 meses, gozando o comprador para pagamento a vista com desconto de 10% ao ano pelo tempo que faltar do pagamento das prestações.

A passagem de Concórdia a Toledo ida e volta custa Cr\$ 300,00, quem comprar uma colônia tem 50% de abetimento, comprando duas ou mais tem a passagem grátis.

A passagem será devolvida ao comprador, uma vez que o mesmo pague a Colônia integralmente.

Eº Proprietário da Fazenda Britânia:
A Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S.A.
com sede em PORTO ALEGRE, a Rua Siqueira de Campos 1248 - Edifício Brasília - 7º Pav. Sala 3
com Filial em Toledo.

Para maiores informações dirijem-se ao AGENTE AUTORIZADO de IJUÍ, SANTO ÂNGELO e CRUZ ALTA - Sr. GUILHERME SCHMITT - Ajuricaba Na cidade de Ijuí com o Sub-Agente sr. OSWALDO SCHMITT - Motel Familiar Também o Sr. Júlio Kocourek, Fabricação de Alambique em IJUÍ, Avenida Cel. Dico, está apto a prestar toda e qualquer informação, sobre viagens, condições, etc.

Procure adquirir tua colônia na Fazenda Britânia, que hoje é o paraíso dos caçadores e amanhã uma flor da Agricultura Brasileira.

14770

Figura 4 - Propaganda contendo aspectos imaginativos

Fonte: PFLUCK, Lia Dorotéa. Aspectos naturais na propaganda da colonização de Marechal Cândido Rondon-PR. In: VANDERLINDE, Tarcísio. **Migrações e a construção do Oeste do Paraná: século XXI em perspectiva**. Cascavel: Coluna do Saber, 2007. P. 141. Edição: POLON, Paulo Henrique Heitor.

A propaganda ilustrada acima destaca as vantagens da área que estava sendo colonizada, oferecendo elementos desejados pelos agricultores na época, como a ausência de formigas, as quais eram um empecilho para a rentabilidade das

plantações. Além disso, dava ênfase na variedade da madeira presente nas terras, bem como a abundância de águas, e outros elementos, conforme possível de visualizar no *folder*. No mesmo sentido, abaixo segue folder distribuído pela Prefeitura de Marechal Cândido Rondon no ano de 1996:



Folder produzido e distribuído pela Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon, 1996.
Fonte: acervo do autor.

Figura 5 - Folder de Marechal Cândido Rondon, 1996.

Fonte: GREGORY, Valdir; STEIN, Marcos Nestor. Migrações e Germanidade: Oeste do Paraná e Marechal Cândido Rondon. In: VITECK, Harto (Org.); WAGNER, Neri (Ed.). **Imigração Alemã no Paraná: 180 anos.** Marechal Cândido Rondon: Editora Germânica, 2012. p. 365.

Os discursos contidos neste *folder* remetem-se à bravura dos homens que colonizaram a região, enfrentando as dificuldades com muita garra. Originários do Sul (Santa Catarina e Rio Grande do Sul), com a pele "branca como a neve", pela descendência europeia, agora lutavam por estas terras, tendo suas peles douradas

pelo sol nos campos. Os discursos, reforçados por materiais como este, publicados nas mídias regionais, fortificavam e fortificam os aspectos imaginativos sobre o labor dos alemães, enquanto homens determinados, de modo que estes sejam vistos como dignos do mérito pela constituição da região e, neste caso, pelo município de Marechal Cândido Rondon.

No folder não aparece qualquer referência a outros povos, mas apenas aos descendentes de europeus. O dizer contido no *folder* “onde a sociedade, de ideias comuns” denota homogeneidade - ainda que forçada - pois dificilmente haverá uma sociedade predominantemente de ideias comuns, podendo haver sim diálogos e acordos. Segundo Gregory; Stein (2012, p. 367) o *folder* apresenta “discursos apologéticos sobre o período da colonização [...] um discurso romântico, que se constitui um mito fundador, apresentando a ‘cultura alemã’ – algo hereditário – como explicação para o desenvolvimento do município”.

É relevante destacar que os laços familiares tinham fundamental importância no momento da decisão de onde investir para morar. Neste sentido, o desejo de permanecerem juntos, fazia com que grupos de famílias (isso incluía vizinhos) migrassem juntos para as novas áreas de colonização. Um elemento que fortalecia ainda mais as migrações conjuntas era a identificação com os elementos étnicos, baseados principalmente na língua falada, assim “tanto os imigrantes como os seus descendentes, em geral, mantiveram alguma ligação com a cultura e a sociedade de origem” (GREGORY, STEIN, 2011, p. 355).

Na intenção de potencializar as vendas de terras do Oeste do Paraná, a MARIPÁ desenvolveu uma estratégia em duas etapas. Para isso a Companhia realizou levantamentos das características do solo e do clima da região compreendida pela Fazenda Britânia. Posteriormente, foi dada importância na aplicação prática da colonização, como a divisão e a venda de terrenos urbanos e rurais em estrutura de pequenas propriedades, construção de estradas, povoados e vilas, assistência médica e escolar, assistência ao agricultor e desenvolvimento comercial e industrial.

A comercialização de lotes para imigrantes oriundos diretamente da Europa era realizada em números reduzidos, pois a MARIPÁ fez uma propaganda mais direcionada aos Estados do Sul brasileiro. A venda de terras para colonos de origem “nacional” (considerados os brasileiros não descendentes de imigrantes europeus) era realizada em menor escala. Em outras palavras, os brasileiros de origem

indígena, pardos, negros ou mesmo claros, mas que fossem das regiões Sudeste, Centro-oeste, Norte e Nordeste, não eram priorizados na venda das propriedades, pois estes eram considerados pelos empreendedores como “aventureiros” e que não estabeleciam “raízes” com o lugar.

As ações da MARIPÁ não se restringiram em apenas lotear e vender as terras, mas em planejar, dirigir, fornecer a infraestrutura e, principalmente, selecionar os indivíduos para quem seriam vendidos os lotes. Para tanto, elaborou-se um Plano de Colonização, documento que apresenta os objetivos da empresa e dá preferência aos descendentes de imigrantes italianos e alemães, considerados mais aptos para colonizarem a área (STEIN, 2002, p. 54).

Para tanto, a propaganda da Companhia era uma publicidade mais direcionada, porquanto se visava a compradores em específico. Tema este analisado por Gregory (2002, p. 175), o qual destaca as palavras usadas no texto do documento “Plano de Colonização”:

Vê-se que o grupo de acionistas gaúchos e catarinenses, proprietários da MARIPÁ, através do plano de colonização, já manifestava a intencionalidade de dirigir e preservar o processo migratório. Dirigir de forma a trazer somente indivíduos considerados capazes, elementos adequados ao modelo idealizado. Evitar que aventureiros e parasitas penetrassem no novo meio era condição para o sucesso do empreendimento. Há de se destacar que os termos “**aventureiros**” e “**parasitas**” são contemplados no texto do Plano de Colonização (1946)⁷.

Esse plano de colonização estava permeado por uma política de diferenciação étnica pensada pelos empreendedores da Companhia no início da colonização, em 1946. Os que compraram lotes e colonizaram, foram direcionados a áreas específicas conforme etnias e crenças. Sobre este fato, parafraseando, Maccari (1999), o pretexto dos diretores da Companhia para este fato seria a de manutenção dos princípios que reforçam as tradições socioeconômicas e culturais dos futuros imigrantes. Assim sendo, imaginava-se que manter num mesmo local os indivíduos com características culturais semelhantes beneficiaria em suceder por maior tempo as tradições culturais do grupo, assim como diminuiria os conflitos pelo fato de “afastarem” as diferenças dos indivíduos, muito embora ao mesmo tempo

⁷ Grifos do autor.

isso os isolasse. Certamente que para uma Companhia que tinha como intuito a lucratividade, as ações seletivas eram vistas pelos compradores como forma de evitar vizinhos “indesejados”, mantendo próximas as pessoas com uma base cultural semelhante, o que era pertinente para vendedores e compradores.

Em sua análise, Gregory (2002, p. 175) destaca:

Ainda, conforme o mesmo [do Plano de Colonização], a hegemonia branca de origem europeia iria ser a via preferencial da colonização do Oeste Paranaense. Os colonos seriam sujeitos “**pacatos**”, subordinados ao trabalho, “verdadeiras máquinas de produzir progresso”. Evidencia-se a ideia da superioridade europeia e de seus descendentes, calcada na ideologia do trabalho que passa a justificar a orientação na busca dos imigrantes ideais. Agentes especializados escolheriam os elementos humanos mais indicados como possíveis compradores, aos quais a MARIPÁ garantiria uma estrutura mínima para iniciar uma nova vida, que, no entanto, não era tão nova, pois possibilitava a reconstrução do velho. Isso implicava em providenciar a indispensável assistência médica e hospitalar, as estradas, as escolas, as igrejas, o mercado e assim por diante, sem os quais tornar-se-ia impossível a vida colonial numa região nova.⁸

Permaneceram predominantemente, na então vila General Rondon (década de 1950), os descendentes de alemães, em sua maioria de religião protestante luterana. Não havia em Marechal Cândido Rondon grande quantidade de alemães vindos diretamente da Europa, nem antes e mesmo após a municipalização. A maior parte dos habitantes era proveniente do Estado do Rio Grande do Sul, sendo por descendentes de alemães, ou propriamente alemães, mas que residiram primeiramente em outro Estado brasileiro.

Diferentemente da maioria dos habitantes da região, Heribert Hans Joachim Gasa foi um imigrante alemão que veio diretamente da Europa, sem residir antes em outro Estado brasileiro, assim como outros poucos personagens moradores da cidade de Marechal Cândido Rondon.

Antes da década de 1980, mesmo com a marcante presença de imigrantes alemães na cidade, já havia certa diversidade cultural, sem que houvesse a expressa necessidade de ressaltar uma homogeneidade cultural germânica.

A partir da segunda metade da década de 1980, Marechal Cândido Rondon buscou uma caracterização de cunho germânico, o que foi incentivado pelo Poder Público Local por meio do “Projeto de Caracterização Germânica de Marechal

⁸ Grifo do autor.

Cândido Rondon”. Esse Projeto teve por base a fomentação da “germanização” da cidade, por meio da redução de impostos territoriais aos proprietários que caracterizassem seus imóveis ao estilo germânico, principalmente a arquitetura em estilo enxaimel, conforme ilustra a imagem abaixo:



Figura 6 – Foto das “Lojas Helena”, em estilo Enxaimel.
Fonte: <http://www.giacobbo.com.br/turismo/cidades.php?c=24>

Outros imóveis também foram construídos posteriormente na cidade com o mesmo estilo arquitetônico, como o “Centro de Eventos Werner Wanderer”, do qual segue imagem:



Figura 7 - Centro de Eventos Werner Wanderer
Fonte: <http://www.hotelbender.com.br/images/ftsmcr/03.jpg>

Nem todos os moradores/comerciantes de Marechal Cândido Rondon que aderiram ao estilo germanizado eram de origem germânica. Alguns optaram pela caracterização como contribuição ao “Projeto de Caracterização Germânica”, sendo que foram também beneficiados, pois o Projeto “previa incentivos fiscais para imóveis cuja fachada fosse construída em estilo germânico, enxaimel ou casa dos alpes, e a realização de uma festa típica: a Oktoberfest” (GREGORY, STEIN, 2012, p. 361).

O Projeto de Caracterização Germânica não compreendeu somente as construções, também alcançou o âmbito cultural, motivando festas e eventos com características alemãs. A ideia do projeto de germanização segue o exemplo de Blumenau, no Estado de Santa Catarina, no tocante à atração de turistas e pela divulgação do turismo local como algo diferenciado, representativo de uma cultura daquele lugar.

O desenvolvimento econômico impulsionado por meio do turismo, principalmente com a *Oktoberfest*, fomentado pelo Projeto de Germanização em Blumenau, agiu como “colírio” aos olhos daquelas cidades que majoritariamente eram de ascendência germânica, como Marechal Cândido Rondon, Rolândia e

outras. Todavia, Marechal Cândido Rondon não foi desde suas origens uma cidade germânica, mas sim, foi germanizada a partir de uma projeção fundada em vivências locais.

Conforme observado por Gregory; Stein (2012) “a germanização em Marechal Cândido Rondon intitula o debate sobre a construção de uma identidade vinculada à exploração turística local em que é estruturado um projeto de caracterização da sociedade de Marechal Cândido Rondon” (GREGORY; STEIN, 2012, p. 347). O Projeto de Caracterização Germânica teve como princípio a construção de uma valorização dos traços culturais germânicos considerados como naturais do município. Enquanto que, o município dispõe de uma multiplicidade étnica. A ideia inicial era uma tentativa em remeter às origens, em um sentido de pertencimento (GREGORY; STEIN, 2012, p. 362).

Os imigrantes que vieram à cidade, em sua maioria de origem alemã, preservaram alguns elementos culturais de seus lugares de origem, ainda que a cultura seja dinâmica, pois ela sofre constantemente influências externas. Um dos elementos que se preservou relativamente foi a linguagem, por meio dos dialetos como o *Hunsrückisch* e o *Pomerano*⁹, ainda falados por alguns descendentes de alemães, intercalando com o português.

Há, em Marechal Cândido Rondon, bem como em outras regiões de predominância alemã, discursos sobre uma suposta “superioridade” do povo alemão (embora nem sempre explícitos). Tais discursos estariam relacionados com o labor dos alemães, como se o fruto do progresso fosse apenas decorrente majoritariamente do esforço laboral daqueles (isso ficou evidenciado na Figura 5, conforme já discutido). Remetendo assim o atraso como proveniente da indolência dos outros povos.

A adoção do termo superioridade como uma unidade de dominação, tem base nos discursos que se remetem ao trabalho como atividade emancipadora e

⁹ Considerável quantidade de descendentes de alemães que vivem em Marechal Cândido Rondon falam tanto o português quanto o dialeto Pomerano - Pommersch ou Pommersch Platt – ou o Hunsrückisch. De acordo com Von Borstel (2010), os falantes do Hunsrückisch ainda são encontrados na cidade de Marechal Cândido Rondon, especialmente nas vilas de Iguaporã e Bom Jardim, mas também entre alguns moradores da área urbana do município. O dialeto difundiu-se por meio dos imigrantes procedentes da região do Hunsrück, no sudoeste da Alemanha. No caso do dialeto germânico Pomerano são provenientes da Pomerânia. Em Marechal Cândido Rondon, o dialeto predominante é o Hunsrückisch, já o Pomerano é pouco encontrado atualmente na cidade.

ideológica no sentido de ser considerada como a única forma de enriquecimento, Essa ideia desconsidera (ou “esquece”) a atividade exploratória, nas diferentes classes sociais. Aliás, neste aspecto ideológico de trabalho desaparecem as consequências da exploração humana e traz à tona certa unidade social, na qual desaparecem momentaneamente as diferenças entre os grupos e indivíduos. Neste caso, se fez o meio pelo qual determinado grupo étnico (não todos os indivíduos pertencentes ao grupo) e mais outros indivíduos de etnias próximas utilizarem como alegação ao “superior” desenvolvimento de uma região comparada às demais regiões próximas.

O sentido do trabalho emancipador e compensatório para todos os indivíduos, com intensidade é utilizado pelas religiões, principalmente entre os protestantes, conforme se encontra na análise weberiana a qual se volta aos estudos no protestantismo. (WEBER, 2004) No entanto, dentre os alemães católicos pode-se também encontrar o mesmo princípio.

Seguindo a análise weberiana, nesses discursos estão inseridos o domínio da religiosidade protestante e o enaltecimento do trabalho árduo. Assim como relata Weber (2004) em “A ética protestante e o ‘espírito’ do capitalismo”, o trabalho transformou seu sentido original de figura vil e penosa, como um castigo dado por Deus ao homem por causa do seu pecado de desobediência, sendo que a partir da era moderna e da Reforma Protestante, passou a ser considerado como atividade que dignifica o homem. Ainda conforme este autor, a mudança de princípios, além de outros acontecimentos que ocorrem da dissolução do modelo feudal, foram necessárias para que o capitalismo existisse.

Apesar da centralidade da análise weberiana sobre a relação do protestantismo com o capitalismo se remeter ao calvinismo, também os conceitos de Lutero permeiam toda a obra de Weber, principalmente sobre o conceito de vocação. A mais importante destas remete “a valorização do cumprimento do dever nos seios das profissões mundanas como o mais excelso conteúdo que a autorrealização moral é capaz de assumir” (WEBER, 2004, p. 72). Neste sentido, o conceito de *Beruf* significa uma vocação e/ou profissão, poderia ser compreendida também como uma vocação profissional, ou então, profissão como vocação. A partir desse conceito luterano, remete-se que o trabalho é algo dado por Deus, como um dom da graça. Ainda, conforme Weber (2004, p. 72):

No conceito de *Beruf*, portanto, ganha expressão aquele dogma central de todas as denominações protestantes que condena a distinção católica dos imperativos morais em “*praecepta*” e “*consilia*” e reconhece que o único meio de viver que agrada a Deus não está em suplantar a moralidade intramundana pela ascese monástica, mas sim, exclusivamente, em cumprir com os deveres intramundanos, tal como decorrem da posição do indivíduo na vida, a qual por isso mesmo se torna a sua “vocação profissional”.

Diferentemente do Calvinismo, que considera o trabalho como realização central da graça divina, Weber não considera que as ideias de Lutero tenham influenciado significativamente neste aspecto, embora este considerasse o trabalho como uma bênção.

Não se pode desconsiderar a influência da religiosidade nos aspectos socioculturais e econômicos desse grupo de origem germânica em questão. Mesmo que neste existam indivíduos que não congregam da comunhão protestante, essa influência cultural e religiosa afeta os comportamentos dos demais indivíduos não protestantes.

Em outra análise sobre a visão de mundo de diversos grupos étnicos (e os de origem germânicos não escapam à regra), destaca-se a ponderação de Tuan (2012), que analisa o egocentrismo e o etnocentrismo enquanto categorias para percepção do mundo. Segundo o autor, estes dois elementos são comuns com menor ou maior intensidade em escala universal. O egocentrismo encontra sua limitação na dependência com os demais indivíduos, já o etnocentrismo cria condições para o desenvolvimento do grupo em detrimento a outros.

O autor percebe que “os seres humanos perdem atributos humanos na proporção em que se distanciam do centro” (TUAN, 2012, p. 53). Assim, um determinado grupo (no caso, os alemães), percebe-se enquanto centro “autossuficiente”, com características próprias e ditas adequadas. Enquanto os demais grupos (brasileiros, italianos, poloneses, e outros.) são percebidos através de certo distanciamento do centro, perdendo alguns elementos essenciais ao humano, através da visão daqueles que são o centro.

Através desta hierarquia inconsciente são abertas brechas aos discursos da superioridade de um grupo em detrimento de outro. São também criados preconceitos e fobias (xenofobia e etnofobia). Essas percepções de mundo, através da visão central em relação às posições periféricas, criam os discursos racistas tão presentes no mundo. “A ilusão da superioridade e centralidade provavelmente é

necessária para a manutenção da cultura” (TUAN, 2012, p. 55) de um determinado grupo.

Um relato interessante que se relaciona com os conceitos descritos acima, colhido informalmente¹⁰ com algumas pessoas de Marechal Cândido Rondon, trata de narrativas sobre os bailes que eram realizados no município em décadas anteriores, chamados de “baile dos brancos” e ainda “baile dos pretos”. O mais curioso é que nestes, principalmente no dos brancos, o requisito para participação não era efetivamente a cor da pele, mas sim a língua falada. Deste modo, um sujeito não alemão poderia participar do baile desde que falasse a língua alemã. Já o “baile dos pretos”, como ficou conhecido, era representado pelos demais moradores da cidade, que não alemães (os que não se enquadravam, por não falarem o alemão).

Segundo Wiland Schurt (*apud* GREGORY; STEIN, 2012, p. 363), os conflitos que se estabeleciam na época da colonização de Marechal Cândido Rondon, e nas décadas posteriores, eram caracterizados da seguinte forma:

Era a época em que uma pessoa que não falasse a língua alemã fluentemente era considerada “negra” e sofria conseqüentemente a discriminação dos demais. São dessa época apelidos de pessoas que com o tempo se tornaram queridas da população sob o pseudônimo de “alemão preto”, “alemão louco”, etc. Podia ser de cor e facilmente se integrava à sociedade, desde que falasse alemão. Mas, por sua vez, podia ter a pele alva e os cabelos loiros, e não se integrava caso não falasse a língua materna da maioria.

Assim, percebe-se que as diferenciações são concretizadas por diversos modos. Hoje, ainda, o tomar chimarrão e falar um pouco de alemão facilita a inclusão dos “de fora” em determinados grupos.

Outra história contada por moradores da cidade é sobre a segregação espacial conforme a situação social e étnica dos indivíduos. Havia, desde a colonização, bairros em Marechal Cândido Rondon constituídos de trabalhadores braçais e de linha de produção, que em sua maioria eram empregados pelas empresas que se localizavam próximas às regiões destes bairros. Estes bairros ficaram informalmente conhecidos como “Planeta dos Macacos”, por residirem, em maior parte, por pessoas de baixa renda não descendentes de alemães, conforme

¹⁰ Optou-se por apresentar informações colhidas informalmente, pois essas constituem-se como parte dos imaginários. Os relatos colhidos informalmente não foram narrados unicamente por um indivíduo, mas em diversas ocasiões (escola, roda de chimarrão, etc.), mostrando como os discursos se perpetuam e difundem.

relatado por Smaniotto (2008) em trabalho dissertativo do curso de Mestrado em História, da UNIOESTE, de Marechal Cândido Rondon. Embora esse bairro houvesse alguma multiplicidade étnica, contendo indivíduos brancos e destes, alguns descendentes germânicos, a fama do bairro perpetuou-se por grande tempo por haver certa consciência generalizadora de grupos de Marechal sobre os moradores deste.

[...] O loteamento Alvorada, que está localizado próximo a Cooperativa Mista Rondon L.T.D.A. (Copagrill), também para atender as necessidades do “eminente” mercado capitalista rondonense (hoje é o Bairro Botafogo, informal e pejorativamente chamado de “planeta dos macacos”, em uma clara demonstração do racismo e preconceito existente na sociedade local). Além disso, a presença de pessoas que não eram de descendência europeia mostra que nem só destes foi formado o município (SMANIOTTO, 2008, p. 61).

Devido à situações semelhantes àquelas descritas acima, Marechal Cândido Rondon e outras tantas cidades germanizadas do Brasil adquiriram fama de preconceituosas. Nas relações cotidianas, os preconceitos nem sempre ficam evidentes, pois atualmente a sociedade rondonense é formada por uma etnicidade múltipla, na qual os atores sociais interagem em diversas ocasiões, sem maiores conflitos “abertos”... Mesmo que eles estejam ali.

Cabe destacar que recentemente (Novembro/2013) houve em Marechal Cândido Rondon o “I Fórum de Debates sobre os eventos de Marechal Cândido Rondon”, no qual foram discutidos alguns aspectos relativos aos eventos realizados no município – como a Expo Rondon, Oktoberfest, Miss Rondon, Temporada de Verão de Porto Mendes, Natal/Reveillon, festas distritais. Este Fórum tentou abranger uma discussão acerca da responsabilidade das organizações por esses eventos (Poder Público Local ou pelo setor privado) e o formato de cada festa, além de outras questões.¹¹ Uma das decisões tomadas neste evento foi quanto à “fomentação e implantação de uma Política Pública Municipal de Germanização

¹¹ Fonte: Site da Prefeitura de Marechal Cândido Rondon, página de notícias. I Fórum de Debates inicia nesta quinta-feira em Marechal Cândido Rondon. Disponível em: <<http://www.mcr.pr.gov.br/noticias/2487>>. Acesso em: 7 jan. 2014.

(integração de todas as secretarias municipais) permanente” (MARECHAL CÂNDIDO RONDON, 2013), dando ênfase na continuidade da *Oktoberfest*, a qual supostamente “projetou Marechal Cândido Rondon como a cidade mais germânica do Paraná” (O PRESENTE, 2013b, [s/p]). Assim, ressurgem as questões: Marechal Cândido Rondon, germânica ou germanizada?

2.2 HERIBERT HANS JOACHIM GASA: UMA VIDA PERMEADA DE MISTÉRIOS



Figura 8 – Heribert Hans Joachim Gasa
Fonte: Acervo do Instituto Cultural Casa Gasa

A imagem acima figura Heribert Hans Joachim Gasa aos 80 anos em fotografia tirada por ocasião de uma entrevista para a “Região em Revista”, no ano de 2000. Ele morou em Marechal Cândido Rondon de 1961 até 2003, quando faleceu. Principalmente após seu falecimento, Gasa fica conhecido entre os rondonenses e mesmo por pessoas de outras regiões, por meio das atividades desenvolvidas pelo Instituto Cultural Casa Gasa, especialmente as visitas à sua residência.

Neste subitem do trabalho será apresentada a figura de Heribert Hans Joachim Gasa, ainda que não seja possível conhecer pessoalmente os detalhes de sua vida, uma vez que Gasa faleceu em 2003, não sendo mais possível entrevistá-lo (embora eu ache que pouco ele diria se estivesse vivo).

Assim, através de conversas, entrevistas, jornais, trabalhos acadêmicos, revistas e documentários que explanaram sobre Hans Gasa foi possível conhecer um pouco de sua vida e história, apesar do “peso” que os imaginários deixaram nos discursos a respeito de sua pessoa. Personagem que chamou - e continua chamando – a atenção, mesmo após a sua morte, Heribert Hans Joachim Gasa adotou a cidade de Marechal Cândido Rondon como o seu novo lar no início da década de 1960, desde o princípio despertando a curiosidade da população local devido à particularidade de sua vivência.

Em várias publicações encontram-se relatos sobre a vida de Gasa. Os dados e informações aqui apresentados foram obtidos principalmente por meio de entrevistas concedidas às revistas locais, além de constarem em acervos documentais disponíveis no “Instituto Cultural Casa Gasa”.

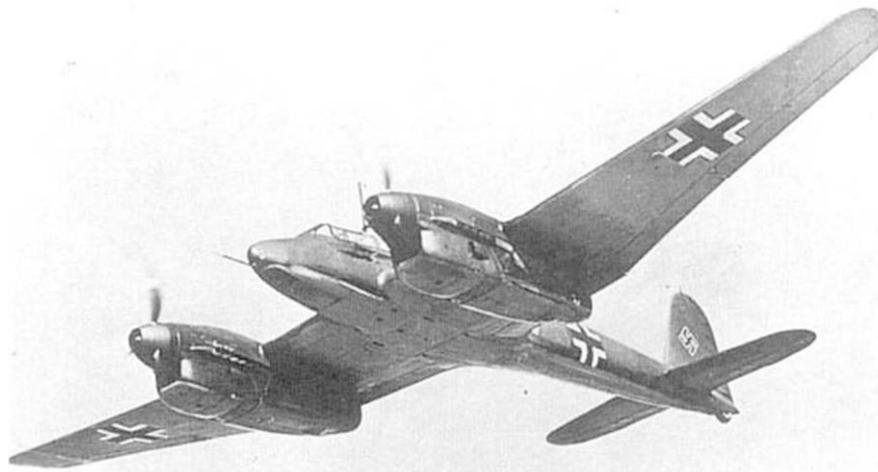
Heribert Joachim Hans Gasa nasceu no dia de 14 de março de 1920, em uma localidade chamada *Dambeitsch Kreis Neumarkt*, situada em *Breslau* – cidade esta que atualmente pertence à Polônia e tem por nome *Wroclaw*, na Baixa Silésia. *Wroclaw* é considerada a quarta maior cidade da Polônia, com aproximados 640 mil habitantes e que na época do nascimento de Gasa pertencia ao território alemão.

Gasa dedicou-se aos estudos, o que era um privilégio de poucos na época. Antes do início da Segunda Guerra Mundial, estudou medicina na Alemanha, e no período em que se iniciou a Segunda Guerra teve que pausar o curso, pois foi convocado para lutar. No entanto, Gasa não participou diretamente nos *fronts* de batalha, pois por estar em formação superior, poderia servir em melhor posição. Deste modo, ingressou no pelotão de paraquedistas da *Deutsche Luftwaffe*, mas nem por isso deixou de vivenciar o conflito de perto¹² (MEINERZ, 2013).

¹² Há várias fontes que trazem essas informações sobre a vida de Heribert Hans Joachim Gasa, as quais ele mesmo forneceu em entrevistas. Constituem-se, principalmente em matérias publicadas pelas mídias regionais, as quais estão referenciadas ao longo do

Como *Deutsche Luftwaffe* pode-se traduzir livremente a expressão “Força Aérea Alemã”. Literalmente significa “arma aérea”. Fundada na primeira década do século XX, prestava serviços para o exército do Império Alemão. Atuou durante a Primeira Guerra Mundial e posteriormente na Segunda Guerra Mundial, tendo papel importante para o Estado Alemão na conquista de áreas da Europa nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial. Por motivo de a Alemanha ter perdido ambas as guerras, a *Deutsche Luftwaffe* deixou de existir nos dois períodos pós-guerras, primeiro de 1918 a 1935 e depois de 1945 a 1956. Atualmente ela está operante à serviço do Estado Alemão e possui relações com a Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN (LUFTWAFFE, 2013).

Um dado curioso e que poderia ser analisado, é que na *homepage* oficial da *Luftwaffe*, o seu nascimento e histórico é contado a partir de 1956 e em nenhum outro lugar do site há menção das atuações anteriores a esta data. Isso seria um esquecimento ou um silenciamento, seguindo de acordo com análise de Pollak (1989) sobre a memória? A Força Aérea Alemã possui um site oficial contendo seu histórico e informações de operações, disponível em: <http://www.luftwaffe.de/portal/a/luftwaffe>. O símbolo que referencia os aviões é semelhante ao utilizado durante a Segunda Guerra Mundial, conforme mostra a imagem abaixo:



Luftwaffe

Figura 9 - Semelhança entre os símbolos da *Luftwaffe*

Fonte:

http://4.bp.blogspot.com/_XHkNFmf7XwQ/TTGpE5KNIpl/AAAAAAAAVgM/razn_doAS6M/s1600/fw187.jpg e

http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/1/1d/Bundeswehr_Logo_Luftwaffe_with_lettering.svg/300px-Bundeswehr_Logo_Luftwaffe_with_lettering.svg.png

Edição: POLON, Paulo Henrique Heitor.

Além de servir na *Luftwaffe*, ao decorrer do período em que Heribert Hans Joachim Gasa esteve na guerra ele também trabalhou como mecânico de aviões e demais veículos, bem como motorista. Próximo ao fim do conflito foi preso pelos britânicos e ao término da Guerra voltou para a Alemanha. Além de ter vivenciado os horrores de uma guerra tão sangrenta quanto esta em questão, teve como consequência a sua audição danificada por uma bomba que explodiu perto de onde ele se encontrava (REVISTA REGIÃO, 2003).

Após o término da Segunda Guerra Mundial Gasa desistiu de continuar os estudos em Medicina e passou a atuar como óptico. Mas as dificuldades da reconstrução da economia europeia no pós-guerra o desestimularam a permanecer na Alemanha. Devido ao fato de que para abrir um empreendimento naquele país, assim como Gasa gostaria de fazer, era necessário ter um grande capital inicial e ele talvez não tivesse recursos para isso. Esse fator fez com que ele mudasse os planos de permanecer na Europa. Assim, primeiramente, ele pondera em ir para a Austrália, mas a influência de conhecidos no Brasil o faz mudar de ideia e vir para este país (REVISTA REGIÃO, 2005).

Quinze anos após o término da Guerra, ele vem para o Brasil por meio de convite da família Seyboth (que já residia em Marechal Cândido Rondon), deixando na Alemanha sua esposa e um filho, que não o quiseram acompanhar ao Brasil (REVISTA REGIÃO, 2003). Esse fato é curioso, no entanto não há maiores referências em outras fontes quanto a estes familiares, assim, não se sabe ao certo quais os motivos que fizeram com que a família dele ficasse na Alemanha. No Brasil, Gasa casa-se novamente décadas mais tarde.

Ao chegar a Marechal Cândido Rondon, Gasa constrói uma “nova vida” exercendo o ofício de óptico. Projeta e constrói a sua misteriosa casa, que em sua arquitetura, segundo ele, havia uma confluência de diversas culturas. Após ter se estabelecido em Marechal Cândido Rondon, manteve a sua óptica na Rua Tiradentes, esquina com a Rua Rio de Janeiro, sendo que algum tempo depois ele passa a atender os seus clientes em sua própria casa, em uma sala comercial (CIRCUS apud STEIN, 2002).

Gasa possuía amplo conhecimento na área da óptica e trazia consigo tecnologia europeia. Assim sendo, executava um padrão de serviço que em algumas regiões do Brasil dos anos 1960/70 era considerado como superior aos demais serviços do ramo. A atuação de Gasa era algo inédito para uma cidade em desenvolvimento e nova. Além disso, Gasa cultivou o saber nas áreas de física, matemática, literatura e história.

Além de óptico, Gasa atuou também como fotógrafo e filmador, registrando por meio de imagens diversos momentos da história da cidade de Marechal Cândido Rondon e também do oeste paranaense, materializando eventos importantes que marcaram a memória dos habitantes dessa região. Em seu acervo, umas das coisas que se pode destacar são as gravações sobre o “Salto de Sete Quedas”, antes de

ser submerso pelo Lago de Itaipu, além de haver gravações da formação deste mesmo lago. Além disso, Gasa também trouxe da Alemanha filmagens que mostram cenas da Segunda Guerra Mundial, conforme apresentado por reportagem da publicação diária do “Jornal O Paraná”, em 15 de jan. de 2012. Este material encontra-se sob tutela do “Instituto Cultural Casa Gasa”, instituição criada anos após a morte de Gasa com o intento de resguardar o seu acervo pessoal e de viabilizar pesquisas e visitas. Gasa trabalhou também como Professor, lecionando no Colégio Luterano Rui Barbosa, conforme descrito na matéria publicada no “Jornal O Mensageiro”, de 02 de fev. de 2012.

Gasa conhece Dorothea Kocko em 1992, no município de Prudentópolis. Após o encontro - Gasa já com os seus 72 anos - casa-se com ela, que era significativamente mais jovem do que ele. Continuaram residindo em Marechal Cândido Rondon até que no ano de 2003, “na madrugada de 10 de março o coração do alemão Heribert Hans Joachim Gasa deixou de bater. Ele morreu num hospital de Cascavel, quando tentava se recuperar de uma cirurgia no coração” (REVISTA REGIÃO, 2003, p. 12). Falecendo, assim, com os seus 83 anos de vida.

É possível pensar que as especulações acerca de Gasa obtiveram maior ênfase devido ao seu modo de viver, sua intelectualidade e sua participação na Segunda Guerra Mundial. Desde a sua chegada a Marechal Cândido Rondon redimensionaram os imaginários, mas foi ao final da década de 1960, no período da Ditadura Civil-Militar brasileira, quando são produzidos documentos que buscavam comprovar que haviam grupos de alemães nazistas na América do Sul, assim como em Marechal Cândido Rondon, a vida de Gasa passa a ser investigada e começa a chamar ainda mais a atenção; principalmente da mídia.

Os documentos foram divulgados na imprensa local, regional e nacional, sendo que, inclusive, foram produzidos outros materiais na imprensa estrangeira sobre as especulações de nazistas na América Latina, envolvendo o Brasil. Um destes materiais é a coletânea de vídeos produzidos pela BBC, vinculada ao *National Geographic Chanell*, o qual se intitulava “Caçadores de Nazistas na América Latina”, material descrito da seguinte forma: “a série que conta a história de um seletivo grupo de agentes secretos, justiceiros judeus que caçaram e capturaram os vinte homens mais malvados do século XX” (CAÇADORES, 2013).

As especulações sobre Gasa e sobre nazistas em Marechal Cândido Rondon, tem relação com a presença de uma maioria étnica de origem germânica, sobretudo

naquela época, e de costumes tradicionais relativamente conservados, inclusive a linguagem. Esta ideia assumiu uma preeminência local alimentada por diversos discursos.

Diante da possível presença dos nazistas, passaram pela cidade os que se intitulavam “Caçadores de Nazistas”, como exemplo Erich Erdstein e Ladislav Farago. Houve a produção de documentação dada às investigações de alguns agentes secretos que mantinham vínculos com o Departamento de Ordem Política e Social – DOPS, “órgão que funcionou de 1924 a 1983 e que foi criado para controlar movimentos políticos contrários aos governos federais do período” (GAZETA DO POVO, 2013), atuando durante o governo de Getúlio Vargas, no regime ditatorial do “Estado Novo” – 1937/1945, não só perseguiu os movimentos e partidos de esquerda, mas também os de direita que se opunham ao regime do Estado Novo, a exemplo de como ocorreu com os integralistas. O DOPS teve seu auge de atuação durante a Ditadura Civil-Militar – 1964/85, para proteção da integridade nacional brasileira. Neste último período, no entanto, apesar deste órgão repressor preocupar-se com grupos imigrantes, a sua atuação foi mais veemente com os grupos políticos de esquerda.

Após a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado dos EUA, o regime de Getúlio Vargas passou a perseguir com mais veemência os seguidores de Adolf Hitler e Benito Mussolini, que majoritariamente dispunham-se no Brasil meridional e no Sudeste. Não só os declarados seguidores tiveram sua vida rastreada, como também os imigrantes alemães e italianos e descendentes destes, entre outros imigrantes europeus, conforme análise de Silva (2010).

Sobre a presença dos nazistas que atuaram diretamente na execução dos milhares de judeus e demais povos e também aqueles relacionados à administração do III *Reich*, quando aberta a documentação do DOPS aos pesquisadores, Stein (2000) obteve contato com diversos documentos arquivados na Secretaria de Segurança Pública em Curitiba. Tais documentos relatam a presença de nazistas residindo na região Oeste do Paraná, alegando que havia uma articulação política na região para a criação de um suposto “IV *Reich*”. Um dos agentes secretos que trabalhava para o DOPS era Erich Erdstein, referenciado anteriormente. A estadia dele na região provocou certo desconforto para os moradores da cidade de Marechal Cândido Rondon, devido à desconfiança deste para com as práticas dos habitantes de origem germânica.

O nome de Gasa foi listado por Erdstein em um documento intitulado “Criminosos de Guerra Nazistas no Brasil; sua localização e atividades no Estado do Paraná” conforme descrito: “[...] na continuação do relatório consta a relação dos principais líderes neo-nazistas: Ernest August Von Blüchner, Friedrich Rupprecht Seyboth, Ingrun Plagge [Klagges] Seyboth, **Heriberto Von Gasa**¹³, Joseph Wenzeler e Reschke, além de arrolar nomes de testemunhas” (KOLING, 2007, p. 360).

Meinerz (2013) em trabalho dissertativo traz matéria do Jornal “O Paraná” do ano de 1976, no qual estão descritos os supostos “herdeiros do III *Reich*”, os quais estariam configurando o IV *Reich* em Marechal Cândido Rondon. Na matéria em questão, Gasa é descrito da seguinte forma:

Heriberto Von Gasa, estabelecido em Rondon com uma ótica. Chegou ao Brasil regularmente, usando um contrato frio feito por Seyboth, para trabalhar como técnico em seu hospital. Receita e dá consultas como oculista, ilegalmente. Com um irmão de Ingrun Klagges, logo depois da guerra, fundou um partido político ultranazista, na Alemanha. Foi amigo particular do general Brehner, que capturou e executou os oficiais que tentaram matar Hitler, em 25 de julho de 1944 (O PARANÁ, 1976, p. 5 *Apud* Meinerz, 2013, p. 119).

A partir de registros de órgãos de imprensa e outros materiais impressos, há uma disseminação de discursos, falas e publicações que alimentam os imaginários. A imaginação dos moradores da cidade foi ainda mais aguçada em 18 de maio de 1968, quando o jornal “O Estado de São Paulo” publicou uma reportagem sobre o imigrante e a cidade de Marechal Cândido Rondon, dando conta de que no município estaria se formando o “IV *Reich*”¹⁴, sucessor do governo de Hitler, em razão do notável número de descendentes de alemães que viviam no município (REVISTA REGIÃO, 2005).

Antes da edição desta publicação do “O Estado de São Paulo” de 18 de Maio de 1968, houve uma edição do mesmo jornal, de 16 de setembro de 1966, a qual dizia que Mengele residia numa fazenda no Oeste do Paraná. Posteriormente, foram

¹³ Grifos meus.

¹⁴ Em português, “*Reich*” define um império ou reinado. O III *Reich* seria caracterizado pelo regime nacional-socialista de Hitler, compreendido entre os anos de 1933-1945. *Reich*, no alemão, significa “rico”. A ideologia nazista definiu o período histórico do III *Reich* como uma suposta continuação do “Sacro Império Romano”, que seria considerado o I *Reich*, e ainda do II *Reich*, que teve início na unificação da Alemanha, com o governo de Otto Von Bismarck, e se estendeu até a República de Weimar.

impressas outras duas edições no mês de junho de 1968, uma com a fala de um Deputado Federal alegando que o povo de “Marechal Rondon” gostava sim de brasileiros. Enquanto a segunda edição continha uma fala do ex-prefeito Werner Wanderer afirmando que se Martin Bormman estivesse em “Marechal Rondon”, este já estaria preso pela Polícia Federal. As matérias publicadas após a denúncia da presença de nazistas em Marechal Cândido Rondon foram contestações de políticos da região ao jornalista que publicou por primeiro à imprensa nacional sobre a articulação de nazistas na criação do novo *Reich* alemão em território brasileiro, mais precisamente em Marechal Cândido Rondon.

Sobre as perseguições aos alemães no Paraná, em estudo recente intitulado “Vigilância aos súditos do Eixo na parte brasileira da Tríplice Fronteira” e posteriormente retomado pelo autor em um curso de extensão sobre a Tríplice Fronteira (Foz do Iguaçu, Ciudad Del Este e Puerto Iguazú), Silva (2013, p. 07) analisa:

Os nascidos na Alemanha, Itália ou Japão, em determinado momento foram muito bem-vindos no Brasil. Contudo, à época da guerra, foram considerados possíveis colaboradores com o esforço de guerra em seus países. E não era apenas paranoia. Houveram atividades espãs nazistas em toda a América do Sul, inclusive no Brasil. Este fato somado à recusa da Argentina em romper relações com os países do Eixo, aumentava a preocupação com estes “súditos do Eixo” e suas ações no Brasil (SILVA, 2013, p. 07).

De acordo com o mesmo autor, na região de Foz do Iguaçu, ainda que houvesse apenas uma pequena parcela de população de imigrantes italianos, alemães e japoneses - menos de 3% da população local, segundo o cálculo do IBGE para o Município de Foz do Iguaçu na época - foram desencadeadas medidas repressivas contra essa minoria.

Ainda, há rumores de que em Foz do Iguaçu vivia a filha de Hitler - Holdine Kathrim – a qual havia falecido naquela cidade, conforme analisado no livro “K.B.K.” (FRANCO; PEREIRA, 2010). Rumores de que o *Führer* teria vivido na América do Sul com outro nome ainda estão presentes nos imaginários. Holdine teria vivido no Brasil com o nome de “Nora Daisy” na companhia de sua mãe Magda Goebbels, esposa de Joseph Goebbels (Ministro da Propaganda do Partido Nazista, um dos “braços direitos” de Hitler), a qual teve um caso secreto com Hitler, do qual nasceu Holdine. Na cidade de Foz do Iguaçu, supostamente viveram em miséria, conforme

analisado pelos autores. As informações do livro são suposições importantes que podem definir aspectos relacionados aos imaginários sobre o nazismo no Brasil.

Baseado em documentos e autores que relataram as influências do período da Segunda Guerra Mundial, no Brasil, Silva analisa que

Antes mesmo de iniciar a guerra, o serviço secreto alemão já tinha suas bases espãs em funcionamento na América do Sul. Para que funcionasse na prática, a rede de espionagem precisava de pessoas treinadas para atuar como espãs “de ofício”. O método de treinamento não partia da busca por alemães nas colônias brasileiras, fato que “comprovaria” o perigo que as famílias, sobretudo as do Rio Grande do Sul, representavam em tempos de guerra (2010, p. 78).

Com base nos estudos já realizados sobre o tema, é possível pensar que as ideias sobre a criação do “IV *Reich*” na região após algumas décadas da Segunda Guerra Mundial não são mero acaso, ou apenas provenientes da imaginação dos chamados “Caçadores de Nazistas”, que escreviam para os serviços secretos de diversos países e enviavam os artigos para a imprensa, relatando as “estranhas” atividades da população de origem alemã.

Diante do exposto, algumas questões relativas à Casa Gasa serão abordadas como forma de conhecimento deste espaço peculiar, o qual tem relação com as discussões já constituídas. As narrativas descritas possuem afinidade com os discursos que foram criados sobre a Casa Gasa e seu proprietário, fornecendo as bases para a construção dos imaginários na cidade.

2.3 A CASA GASA

Situada no perímetro urbano do município de Marechal Cândido Rondon – PR, a “Casa Gasa” foi uma das propriedades de Heribert Hans Joachim Gasa. Durante a maior parte da vida do imigrante, esta casa foi sua residência fixa. Ela está localizada na área central da cidade, na esquina das ruas Santa Catarina e Independência. Em conjunto com a construção da casa, alimentaram-se os imaginários a respeito da sua vida e também de sua casa, esta construída por ele próprio desde o projeto. Em uma edição especial da Revista Região publicada logo após a morte de Gasa em 2003 (Revista que anteriormente, no ano 2000 publicou

uma entrevista dele), faz uma espécie de defesa de Gasa, utilizando o termo preconceito. “Gasa começou a enfrentar preconceitos principalmente depois que construiu a sua casa” (REVISTA REGIÃO, 2003, p. 13). Os preconceitos, de acordo com a Revista, tem relação com o jornalismo sensacionalista, o qual emitia informações relacionando Hans Gasa com o nazismo. A matéria em questão justifica alguns dos imaginários sobre a Casa Gasa, pois diz que “levou muitos anos para ser construída e ganhou um aspecto exótico, parecida como uma fortaleza” (REVISTA REGIÃO, 2003, p. 13). O aspecto de “fortaleza” desperta os imaginários sobre o possível medo do morador em ser atingido de alguma forma, talvez fosse o reflexo das experiências vividas na Guerra. Assim, proteger-se ou ter meios de fuga era fundamental.

Na Revista em questão, Gasa é tratado enquanto “vítima do sensacionalismo”. Após a divulgação de matérias de cunho nacional sobre a formação do IV *Reich* em Marechal Cândido Rondon, estes preconceitos em relação à Hans Gasa se tornaram mais concretos, pois agora tinham supostamente uma “fundamentação”. Pelo fato de Gasa ter sido combatente nazista, formaram-se estórias de que em sua casa haviam ocorrido mortes, além de que havia no porão túneis que ligavam a casa a outros lugares da cidade, como alternativa de fuga em alguma urgência (REVISTA REGIÃO, 2003, p.13).

Os imaginários permanecem, ainda nos dias atuais, sustentados pelas narrativas sobre a vida de Gasa, por suas práticas cotidianas “incomuns” para a época e contexto - formação intelectual, autodidatismo, gosto por cálculos complexos e ainda pelas características arquitetônicas peculiares de sua casa, elaboradas por ele próprio. Esses aspectos foram - e são - um campo propício para a formação dos imaginários da população de Marechal Cândido Rondon e região.

O nome “Casa Gasa” só passou a existir após a morte de Heribert Hans Joachim Gasa, e quando esse imóvel passou a ser visado pelo Poder Público Local e comunidade como um “Patrimônio” do Município. Por fim, o título “Casa Gasa” foi consolidado com a criação do Instituto Cultural Casa Gasa. Anteriormente, ainda quando Gasa era vivo, embora houvesse a curiosidade dos demais moradores de Marechal Cândido Rondon, sua casa não recebia atenção “institucionalizada”, nem eram permitidas visitas públicas.

Supostamente, a partir de comentários informais e reportagens veiculadas nas mídias regionais, alguns dos materiais que ele utilizou para construção de sua

casa eram, e ainda são, nada convencionais, como por exemplo, o cabelo humano, que ele mesmo recolhia nas barbearias e cabelereiros da cidade, e que era misturado à argamassa. Segundo o próprio Gasa, isso daria uma boa sustentação na casa, pois, de fato, o cabelo tem uma boa resistência (RPC, 2013). O documentário referenciado (RPC) tem por base afirmações de pessoas envolvidas com o Instituto Cultural Casa Gasa e em entrevistas realizadas pela reportagem da RPC com os cabeleireiros mais antigos da cidade e que conheceram pessoalmente Hans Gasa.

Certamente que essa adoção de material nada convencional na construção de sua casa gerou diversos comentários e desconfianças dos moradores da cidade, na época. Ainda hoje esse fato é pouco explicado e entendido.

A casa de Hans Gasa ganhou maior notabilidade pelo Poder Público Local quando foi divulgada no site da Secretaria Municipal de Turismo. Portanto, oficialmente a Casa Gasa transformou-se em ponto turístico do município de Marechal Cândido Rondon. No entanto, o projeto de bem público/patrimônio enfrenta algumas dificuldades para se concretizar. O imóvel continua pertencendo a um dono particular, a viúva de Gasa. No entanto, o dinheiro vindo apoios – Universidade Estadual do Oeste do Paraná e Poder Público Local – destinados ao Instituto Cultural Casa Gasa são insuficientes para manter toda a estrutura viável do projeto e da casa. Portanto, a manutenção do imóvel pode ser comprometida assim como poderia ocorrer uma destinação do local para usos diversos, comercial, por exemplo. Isto Poderia ocasionar uma reconfiguração do lugar, interferindo nas suas características, além de acarretar algumas dificuldades e/ou até mesmo impossibilitar a visita.

Considerada como museu pelo Poder Público Local, em acordo com as instituições locais e estaduais, a Casa Gasa abrigava a sede do “Instituto Cultural Casa Gasa” vinculado a um Projeto de Extensão da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, *Campus* de Marechal Cândido Rondon – com apoio da Prefeitura de Marechal Cândido Rondon, e outras entidades do município. Sendo que também lá ocorreram alguns projetos de pesquisa e extensão vinculados à Universidade, além das visitas e dos eventos culturais, ensaios fotográficos, gravações de comerciais e outros. Segue logo abaixo o *folder* de divulgação da casa elaborado pelo Instituto e publicado em 2005.

Instituto Cultural Casa Gasa

Em janeiro de 2008 foi fundado o Instituto Cultural Casa Gasa, tendo por objetivos:

- *Gerir o conjunto patrimonial CASA GASA;
- *Desenvolver atividades culturais
- *Realizar e incentivar o turismo;
- *Oferecer cursos, palestras, treinamentos e oficinas;
- *Disponibilizar espaços e estrutura para o desenvolvimento de atividades voltadas à cultura e ao entretenimento;
- *Divulgar e organizar eventos.

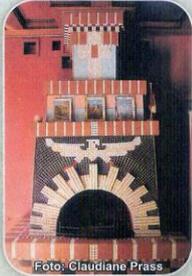


Foto: Claudiano Prass

Instituto Cultural Casa Gasa

"Casa afirmava que sua casa era uma miscelânea de culturas, com traços gregos, astecas, italianos e germânicos."

Horário de atendimento: 14h às 18h (2ª a 6ª feira).
Visitas com agendamento prévio para manhã/noite ou finais de semana. Reservas de espaços para reuniões, eventos e jantares.

Apoio:



Projeto: **Gasa, uma vida de muitas histórias:** exposições e visitas (Unioeste - Casa Gasa)

casagasa@gmail.com
Fones (45) 3254-2684
Rua Santa Catarina, 1044 - Centro
CEP 85960-000 Marechal Cândido Rondon - Paraná

Casa Gasa



Foto: Dambeitsch Gregorio

Venha conhecer histórias, curiosidades e mistérios da Casa Gasa!!

Figura 10 – Anverso do folder de divulgação do Instituto Cultural Casa Gasa.
Fonte: Instituto Cultural Casa Gasa

Gasa: uma vida de muitas histórias



Herbert Hans Joachim Gasa

Gasa nasceu em 14 de março de 1920, em Dambeitsch, Kreis Neumarkt, na cidade de Breslau e faleceu em 10 de março de 2003. Sua vida foi marcada por muitas histórias, principalmente na cidade de Marechal Cândido Rondon. Gasa vivenciou os horrores da Segunda Guerra Mundial, após ser convocado pelo exército alemão. Integrou o pelotão de paraquedistas, foi motorista de caminhão e mecânico. Em 03 de maio de 1961 veio para o Brasil, diretamente para Marechal Cândido Rondon - PR e trabalhou como ótico, fotógrafo e cientista. Muitas histórias e lendas começaram a surgir sobre ele e a casa.

A Casa Gasa

Por volta de 1965 Gasa comprou um terreno, na Rua Santa Catarina esquina com a Rua Independência e começou a construir o seu novo ponto comercial e a sua morada. Esta era uma construção diferente e ousada para uma cidade do Oeste do Paraná. A atual Casa Gasa foi planejada e minuciosamente decorada pelo seu proprietário, em que se pode encontrar um sincretismo arquitetônico. O diferencial deste espaço são os seus traços arquitetônicos (arcos e colunas), a decoração (azulejos, cores, pastilhas, bambu), além de passagens secretas, portas e armários falsos.



Foto: Claudiane Prass

Curiosidades da Casa Gasa

- Demorou 20 anos para ser construída;
- Possui um subsolo com 2 níveis;
- Foi decorada com diversas cores, azulejos, madeiras e outros materiais;
- Possui: cômodos: 38; banheiros: 10;
- Banheiras: 2; sauna: 1;
- Portas: 50; janelas: 33;
- Interruptores e/ou tomadas: 259;
- Lâmpadas: 419;

Além de histórias e mistérios...



Foto: Claudiane Prass



Figura 11 – Verso do folder
Fonte: Instituto Cultural Casa Gasa.

Na parte frontal do *folder* destacam-se duas imagens que chamam a atenção dos leitores. A maior representa a frente da Casa Gasa, mostrando seu aspecto de “fortaleza”, em uma perspectiva que a torna imponente. A fonte que intitula “Casa Gasa” lembra-se de algum modo a escrita germânica, pela letra escolhida e o tom verde da grafia (Ex: Casa Gasa). Abaixo da fotografia, em cor vermelha, a escrita “Venha conhecer histórias, curiosidades e mistérios da Casa Gasa!”. O caráter da escrita soa quase como uma convocação, diante do “**Venha** conhecer” e também pelo uso da cor vermelha, chamando a atenção, em conjunto com os indicativos de que algo realmente interessante será encontrado na casa, por meio das histórias, mistérios e curiosidades.

A frente do *folder* contém ainda informações sobre os objetivos e ações do Instituto Cultural Casa Gasa, o qual tem em suas bases a intenção de gerir o acervo deixado por Gasa, que conta, inclusive, com gravações inéditas sobre a Segunda Guerra Mundial (MANFRIN, 2012). Há também uma figura em menor proporção, mas tão significativa e emblemática quanto a outra. A lareira mostrando a condor, que por muitas vezes foi confundida com a águia nazista, elemento que ainda gera dúvidas aos que visitam a casa, pois certamente que Hans Gasa não assumiria que aquela ave remetia-se ao nazismo, pois conhecia os riscos que isso representava.

Dentre os objetivos descritos no *folder* referente ao Instituto, estão o de gerir o conjunto patrimonial Casa Gasa; desenvolver atividades culturais; realizar e incentivar o turismo; oferecer cursos, palestras, treinamentos e oficinas; disponibilizar espaços e estrutura para o desenvolvimento de atividades voltadas à cultura e ao entretenimento; divulgar e organizar eventos. Atividades estas que foram realizadas durante o período em que a casa esteve disponível para o público. No atual momento, nenhum desses objetivos, a não ser o primeiro do *folder* (gerir o conjunto patrimonial Casa Gasa), tem sido realizado, pois a casa encontra-se fechada aos visitantes e às atividades culturais.

No centro da página, apresentam-se o nome do Instituto Cultural Casa Gasa e na escrita ressalta-se em letra maior “Casa Gasa”. Há um destaque com as palavras publicadas em uma Revista, quando Gasa, em entrevista, afirma que sua casa é uma miscelânea de culturas. Nesta mesma página constam os antigos horários de atendimento da casa, bem como sua localização e contatos. Constam também os símbolos das instituições que apoiaram o projeto.

O verso do *folder* traz informações sobre a vida de Gasa, ainda que muito breves, bem como alguns aspectos relevantes de sua casa, conduzindo o leitor à curiosidade em conhecer este espaço. Novamente em letras que lembram a escrita germânica, em tom de vermelho consta o título “Casa Gasa: uma vida de muitas histórias” e ainda “A Casa Gasa” e por fim “Curiosidades da Casa Gasa”.

Na parte inferior do *folder* há algumas imagens de detalhes da casa, como cômodos, objetos e a piscina. As fotografias chamam a atenção pela disposição no *folder*, como em um filme que se passa ao leitor. Lembrando que Gasa era fotógrafo e filmdador, podendo ser uma forma de se remeter a isso também.

No campo que trata sobre as curiosidades da casa, há algumas informações que instigam o leitor, como: o fato da casa ter demorado vinte anos para ser construída; a configuração do subsolo em dois níveis; a decoração peculiar com diversas cores e azulejos variados. O número de cômodos gera curiosidade pela quantidade incomum de ambientes, uma vez que a casa possui 38 cômodos, constituída por dez banheiros. Além disso, conta com duas banheiras e uma sauna, o que também era pouco comum à época. A casa tem cinquenta portas e trinta e três janelas. Um dos dados que mais impressionam é a quantidade de interruptores e tomadas, compreendendo duzentos e cinquenta e nove, além de quatrocentos e dezenove lâmpadas. Esse dado é curioso, pois as pessoas não possuíam tantos equipamentos eletrônicos naquele contexto histórico, então, qual seria a razão para haver uma instalação elétrica tão complexa?

Todos estes dados por si só já chamam a atenção dos leitores, e no *folder*, logo abaixo dos dados expostos acima, está a imagem de um bar, que fica no primeiro nível do subsolo da casa, e ao lado da imagem constam em letras destacadas e com cor diferenciada do restante do *folder*, a escrita: “Além de histórias e mistérios...”, deixando ainda mais convidativa a ida do leitor à casa.

O imóvel também está referenciado no portal do "Instituto de Turismo e Eventos dos Caminhos do Turismo Integrado ao Lago Itaipu", sob o título “Museu Casa Gasa”. Instituto este criado para a gestão empresarial e divulgação do turismo

local por parte dos municípios que margeiam o Lago de Itaipu. No site em questão, a Casa Gasa está descrita nas seguintes palavras:

Museu Casa Gasa

Instituto Cultural Casa Gasa

Espaço de valor histórico e cultural recebe turistas de todas as regiões do Paraná e de vários estados brasileiros, assim como turistas estrangeiros vindos da Áustria, Alemanha entre outros. Localizado numa área privilegiada no centro da cidade, possui uma arquitetura que instiga curiosidades, por ser uma miscelânea de culturas com traços gregos, germânicos, italianos, astecas, entre outros.¹⁵

Esta descrição do site não oferece muitas informações além do que está escrito no *folder* de divulgação do Instituto Cultural Casa Gasa. Permanece apenas como um chamado para que o turista saiba o que é e onde fica. Além disso, não há figuras na página com a descrição. Essa informação veiculada no site de “Caminhos do Turismo de Itaipu”, diferentemente ao que está no *folder* de divulgação do Instituto Cultural Casa Gasa, não apresenta os aspectos chamativos que possivelmente atrairia o turista para o local. Também não há apelação alguma para imaginários referentes ao lugar.

Os conflitos sobre a permanência da Casa Gasa enquanto espaço de visitas estabelecem-se atualmente, pois o imóvel não é público, mas pertence à Dorothea Kocko, viúva e herdeira de Hans Gasa. Apesar de ser a atual proprietária do imóvel, em entrevista concedida à Revista Região (2003) ela alegou que não almejava a transformação da casa em museu pelo Poder Público, pelo receio de acontecer o mesmo descaso e abandono que acontece com muitos imóveis tombados por Institutos de tombamento e salvaguardores da memória oficializada Brasil afora.

Em muitos casos, o patrimônio material deteriora-se pela falta de políticas públicas e verbas voltadas para a conservação dos bens, aliado à extrema burocratização que o Estado impõe quando esse bem necessita ser reparado. Tais medidas valem tanto para bens patrimoniais públicos quanto para bens patrimoniais privados que são tombados pelos Institutos de Preservação. Ainda assim, a intenção por parte do Poder Público Local e de institutos em garantir a utilização da Casa

¹⁵ Disponível em:

<http://www.caminhositaipu.com.br/modules/lago/site/atracoes_detalhe.php?id_cidade=6&id_atracao=312>. Acesso em 22 de jan. 2013.

Gasa como um imóvel aberto ao público, torna-se uma medida patrimonial, mesmo que não haja o tombamento do imóvel.

Para que se possa conhecer mais da casa, torna-se relevante neste trabalho a apresentação de suas particularidades. A Casa Gasa possui diversas características curiosas que despertam os imaginários.

A casa contém três entradas (porta de ferro, garagem e corredor), sendo uma delas ilustrada na imagem abaixo, a qual constitui o ponto de vista utilizado na imagem contido no *folder* de divulgação do Instituto Cultural Casa Gasa.



Figura 12 – Frente à Rua Santa Catarina, centro.

Fonte: <http://blogdoviteck.blogspot.com.br/2011/11/blog-post.html>.

A imagem acima mostra uma das entradas da Casa Gasa, na Rua Santa Catarina. Destaque para as janelas e o *hall* com entrada para duas salas. O *hall* é protegido por um portão de ferro pesado, sendo necessário o uso de um contrapeso. Imagens como esta, representando a Casa Gasa sob este ângulo aparecem em diversos meios midiáticos, especialmente em *Blogs* e *Sites* da internet, além de jornais e revistas. A perspectiva da casa (acima) denota uma construção grande com um aspecto de uma fortaleza, principalmente pelo fato de o portão do pequeno *hall* que dá entrada para a sala principal e a sala de projeções, possuir um peso

imenso, o qual sem o contrapeso seria dificilmente aberto, provavelmente apenas com o uso de maquinário, como um guincho, etc.

Gasa foi frequentemente representado como “testa de ferro”, o “cabeça” da organização nazista na cidade, principalmente pela estrutura de sua casa. Esse fato também é apontado por Ladislav Farago [um dos intitulados “caçadores de nazistas”], que afirmava que Gasa “não podia explicar sua capacidade de morar em uma grande fortaleza, que construiu com fundos de origem obscura” (MEINERZ, 2010, p.53).

A questão quanto aos recursos utilizados por Hans Gasa para construção de sua residência que, diga-se de passagem, não custou pouco, não é precisamente descrita, de modo que não se pode saber como ele conseguiu recursos financeiros para executar a construção, sendo que ele próprio, em entrevista concedida à “Rondon Hoje” (ACERVO, 2012), de 1978, afirmou:

Quando eu cheguei em MCR eu só tinha minhas caixas de transporte do navio com meus equipamentos de ótica e fotografia, ferramentas e livros; Fui na Colonizadora Maripá e eles me deram algumas tábuas para montar minha loja e assim eu comecei meu negócio de ótica e fotografia.

Essa fala de Hans Gasa desperta a possibilidade de pensamentos como os de Ladislav Farago (citado acima, contidos no livro “*Aftermath. Martin Bormann and the Fourth Reich*”) sobre os fundos utilizados para a construção, já que, certamente construir uma casa do tamanho e com os detalhes da Casa Gasa demandava elevados recursos financeiros. Há especulações de que Gasa recebia uma espécie de indenização (pensão) do Governo Alemão pelos serviços prestados na Segunda Guerra Mundial. Este pagamento era realizado em marco alemão, moeda esta valorizada diante da moeda brasileira à época. Além disso, existem relatos de que ele recebia algum valor por criações que havia patenteado. Como não houve nenhuma entrevista com pessoas bem próximas de Gasa, não foi possível identificar exatamente por qual via era possível o repasse de dinheiro.

Retomando aos aspectos da casa, a outra entrada da casa, na Rua Independência, já é bem diferente, conforme imagem:



Figura 13 – Frente à Rua Independência, centro.
Fonte: Aquiagora.net

A imagem exposta mostra a entrada da Casa Gasa com vista à Rua Independência. Esta parte frontal lembra o estilo germânico, por apresentar as janelas (que são dos quartos) em estilo enxaimel. Além disso, a casa possui uma platibanda que esconde o telhado. A entrada frontal fica por conta de uma porta estreita com características peculiares detalhadas na imagem abaixo.

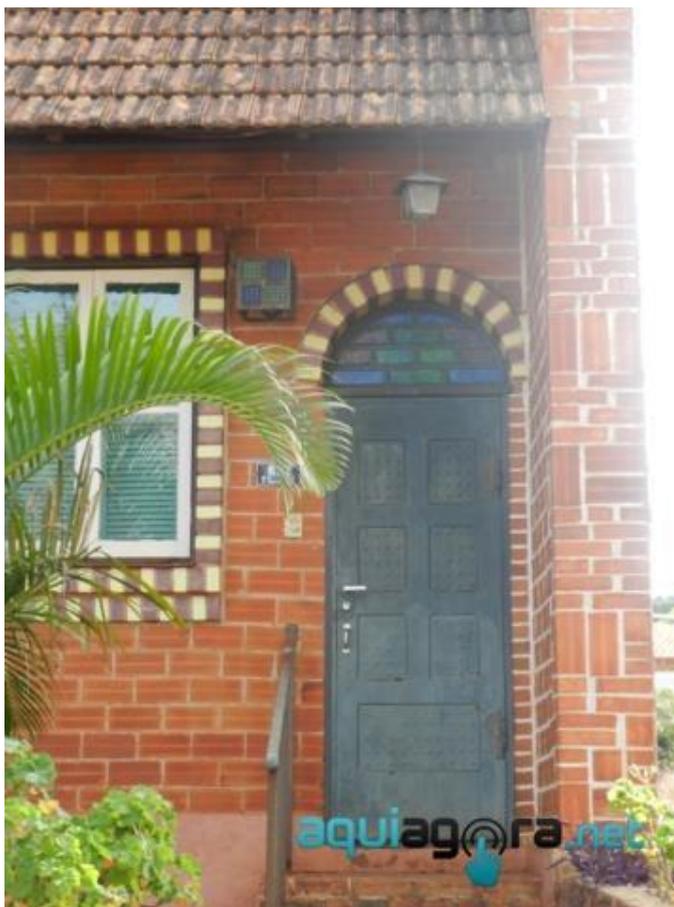


Figura 14 – Detalhe de arco na porta da entrada à Rua Independência.
Fonte: Aquiagora.net

Embora não haja referências acerca desta porta, as formas e detalhes chamam a atenção dos curiosos, despertando o desejo de entender as motivações de Gasa em construir sua casa com tamanho detalhamento. Portas são mistérios, pois não se sabe aquilo que está por detrás destas. Assim, quem passa pela rua não conhece o que há depois da porta, mas tem o direito de imaginar e fantasiar. Enquanto que de um lado a casa assemelha-se a uma fortaleza (representando segurança), noutro lado apresenta uma estrutura mais vulnerável com porta e janelas aparentemente frágeis. Elementos no mínimo contraditórios! Na fachada pela Rua Independência existe um cômodo cuja porta está diretamente ligada à calçada da rua. Lugar este que já foi utilizado como garagem e posteriormente como ambiente comercial. Esta configuração difere-se das demais casas do município, as quais possuem recuo. Segue imagem:



Figura 15 – Garagem
Fonte: Aquiagora.net

A figura apresenta a garagem vista de fora. Não se encontra mais com a aparência e serventia originais, pois este cômodo já sofreu algumas transformações. Aliás, diversos aspectos da casa foram modificados ao longo dos anos por vontade do próprio Gasa, elemento este que também pode alimentar imaginários: o que será que foi mudado? Será que algum aspecto que poderia o comprometer foi escondido? Quem fez as reformas na casa, será que contaria o que viu?



Figura 16 - Piscina da Casa Gasa

Fonte: <http://static.panoramio.com/photos/large/42213204.jpg>

A imagem mostra a piscina da Casa Gasa, cujo formato já chama a atenção, ainda mais aliado ao ladrilho que é uma das marcas da casa. Ao fundo da piscina, a imagem que se projeta é de um sol em arte que remete à cultura inca. A piscina conta com sistema de reaproveitamento da água da chuva, algo peculiar para a época da construção.



Figura 17 - Acervo de fotos
Fonte: Aquiagora.net

Uma das maiores riquezas da casa é o valioso acervo fotográfico e de filmagens deixado por Hans Gasa, os quais mostram o desenvolvimento da cidade de Marechal Cândido Rondon, com suas primeiras indústrias e empresas, o período da colonização propriamente dito, mas principalmente o cotidiano rondonense. São registros fotográficos sob várias perspectivas. Estão expostos também seus equipamentos, utilizados no exercício de óptico, bem como suas filmadoras e máquinas fotográficas. Artefatos que, além de preservados, podem estar disponíveis para visualização por parte daqueles que não tiveram contato com estes equipamentos, em especial as crianças.

Abaixo segue imagem do subterrâneo da Casa Gasa, onde estão expostos alguns destes materiais:



Figura 18 - Subsolo da casa
 Fonte: www.oparana.com.br
 Edição: POLON, Paulo Henrique Heitor.

A parte do subsolo é um dos mais curiosos espaços da casa, o qual despertou por muitos anos – e ainda desperta – a desconfiança das pessoas sobre as razões para construção naquele estilo. Quais seriam os motivos para que Hans Gasa construísse passagens secretas e ambientes subterrâneos?

2.4 OS IMAGINÁRIOS E AS MEMÓRIAS ACERCA DA CASA GASA

Ao falar da Casa Gasa, as pessoas colocam muito de suas próprias vivências relacionadas aos medos, às concepções, às suposições, bem como os laços que algumas poderiam possuir com Heribert Hans Joachim Gasa.

Marcos Eduardo Meinerz (2013) em Dissertação de Mestrado traz um relato pessoal interessante sobre os imaginários que permearam a imagem de Gasa durante a vida do autor:

Nasci e cresci em Marechal Cândido Rondon, cidade localizada no extremo oeste do Paraná. Desde muito jovem eu ouvia histórias de que o dono de uma certa residência da cidade – residência esta

muito misteriosa devido a sua arquitetura um tanto quanto incomum - era um nazista, que a casa dele servia como local de reuniões secretas de nazistas da região e que Mengele e o próprio Hitler já teriam se hospedado por lá. Dizia-se que a casa possuía uma sala com várias mexas de cabelo de judeus dependuradas no teto e que até esqueletos humanos existiam por lá. Uma das maiores lendas que tal casa possui, diz respeito a um túnel que existiria interligando-a a uma outra residência da cidade. Este túnel serviria para uma eventual fuga dos nazistas [Hitler, Mengele, Bormann, etc.] que estivessem hospedados na casa (MEINERZ, 2013, p. 13).

Diversos são os imaginários acerca da Casa Gasa e também sobre o próprio Heribert Hans Joachim Gasa. Boa parte dos imaginários – se não todos – tem relação (in)direta com o nazismo. Um dos pontos que acentuam a construção deste imaginário acerca da Casa Gasa, são as narrativas sobre a presença de membros do alto escalão nazista – Partido Nacional Socialista Alemão – na América Latina, bem como, também no Brasil, conforme ilustrado pelo documentário da BBC (CAÇADORES, 2013).

Reforçando essa afirmação, foram publicados durante a década de 1970, livros referenciando a presença de nazistas na região, dentre eles, “Aftermath. Martin Bormann and the Fourth Reich”, do autor Ladislav Farago. Outro autor, Erich Erdstein, conjuntamente com Bárbara Bean, publicaram um livro que enfatiza a presença de nazistas do alto escalão na região de Marechal Cândido Rondon, intitulado “Renascimento da Suástica no Brasil”. Estes materiais influenciaram ainda mais o pensamento sobre a construção do IV *Reich* no município em que Gasa morava. Bem como as representações se encontram e tomam certa natureza real.

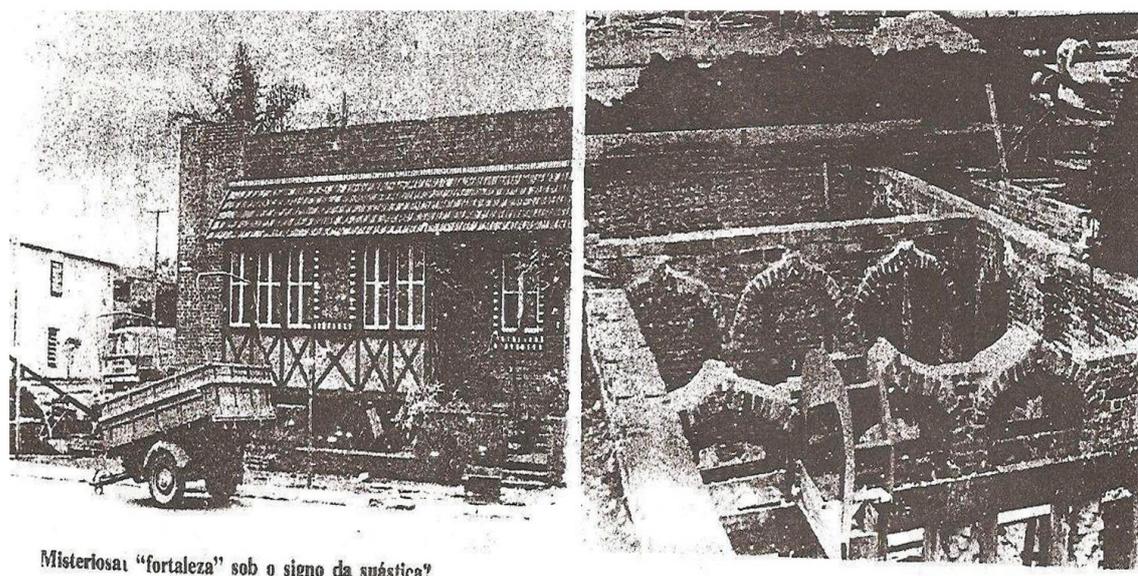


Figura 19 - Imagem publicada no Jornal "O Paraná", de 1976.
 Edição: POLON, Paulo Henrique Heitor.
 Fonte: O PARANÁ. Cascavel, domingo, 03 de outubro de 1976.

A casa de Gasa despertou em especial a curiosidade pelos discursos que foram divulgados nas mídias sobre a ligação do proprietário desta com o nazismo e a formação do IV *Reich*. A matéria ilustrada pela imagem acima foi publicada no Jornal O Paraná, no ano de 1976, atentando para os elementos pouco comuns desta residência, a qual, segundo os rumores da época poderia, ser uma "fortaleza" para os nazistas refugiados.

Existe na Casa Gasa, dentre os pertences de Hans Gasa, uma camisa estampada com o nome de "Hitler", fato que por muitos anos foi comentado por algumas pessoas que alegavam a existência de um "autógrafo" do *Führer*. O fato foi relatado em narrativas ao longo do trabalho. O Professor da UNIOESTE, Valdir Gregory, que atuou no Instituto Cultural Casa Gasa e passou algum tempo na casa, relatou sobre a presença da camisa, porém não soube informar a origem da mesma.

Em conversa com Dorothea (viúva de Gasa e atual proprietária do imóvel), esta contou ao Professor que Gasa teria adquirido a camisa comprando-a de alguém, já residindo no Brasil. Portanto, o que se deduzia anteriormente que a camisa tivesse origem na Alemanha e fosse trazida por Gasa ao Brasil foi aparentemente desmentido. Ainda que não se possa afirmar a razão dele guardar uma camisa como essa, se em diversos momentos ele afirmava não ter relações ou

que simpatizasse com o nazismo. Obviamente, seria perigoso para ele fazer um tipo de afirmação como esta, principalmente em um momento que se “caçavam” nazistas para levá-los a julgamentos em tribunais europeus por crimes de guerra. Mesmo que ele não tivesse envolvimento com o nazismo ou com a pessoa de Hitler, porque Gasa guardaria uma camisa destas? Não é difícil que os imaginários que envolvem a Casa Gasa tenham se relacionado com o nazismo, uma vez que o Brasil teve o maior partido nazista fora da Alemanha (MILAN, 2011), assim, os alemães inevitavelmente levantavam suspeitas (NARLOCH, 2006, p. 26).

A Casa Gasa foi construída por um sujeito que viveu de perto um dos conflitos mais violentos do mundo. Sendo assim, sua casa reflete muito de suas vivências, principalmente se tratando do sentimento de insegurança que possivelmente possa ter vivido. Sobretudo são reflexos das consequências de uma guerra na subjetividade de um indivíduo, fato que ocorreu com diversos outros veteranos da Segunda Guerra Mundial, os quais tiveram uma vivência depressiva e/ou psicologicamente afetada no pós-conflito. Muitos detalhes da casa, talvez revelem algum desse tipo de sentimento de Gasa.

Um dos elementos significativos da casa é a presença de um contrapeso na porta que dá acesso à Rua Santa Catarina, conforme dito brevemente ao decorrer do trabalho. A porta em questão tem um peso expressivo e necessita de um contrapeso, o que desperta a imaginação no sentido de manter-se protegido. Supostamente em uma situação de perigo ou perseguição, o rompimento do contrapeso faria com que a entrada de pessoas ficasse dificultada por aquele acesso. Mas essa suposição da necessidade segurança poderia ser desmentida, pois a casa possui outros acessos que não têm tanta segurança. Abaixo na imagem é possível ver a porta aqui descrita, em forma de grade.



Figura 20 – Porta com contrapeso
Fonte: Aquiagora.net

O contrapeso da porta encontra-se na parte interior do imóvel. Outro aspecto interessante é o fato da casa ter diversas passagens secretas e armários falsos, dos quais, inclusive, um esconde o contrapeso da porta já mencionada. Há um armário na cozinha que dá acesso ao mezanino da sala de projeção, onde se localizava o projetor de filmes. Os armários falsos seguem um padrão de cor e formato dos demais da casa, não levantando suspeitas quanto à sua real função.

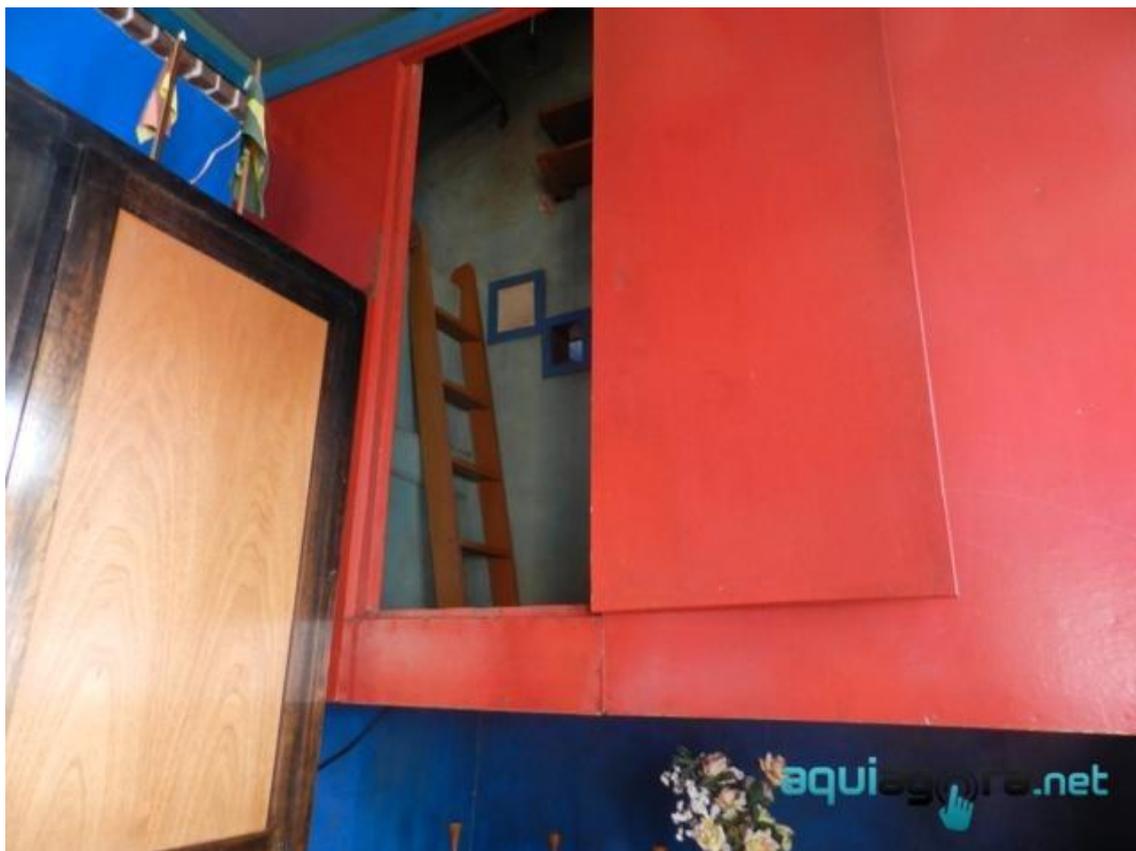


Figura 21 – Passagem secreta em uma parede da casa.
Fonte: Aquiagora.net

A imagem acima representa um dos armários com passagem secreta. Além destes, existe um alçapão – abertura no assoalho de madeira que dá acesso ao nível inferior da casa, camuflada da mesma cor do restante do assoalho. Conforme imagem que se segue:



Figura 22 – Alçapão se abrindo
Fonte: Aquiagora.net

Na fotografia acima, mostra-se o alçapão se abrindo, mostrando a escadaria que dá acesso ao primeiro nível de subsolo da casa. (O que há lá?) Atenção para o detalhe que quando fechado, o alçapão praticamente desaparece se camuflando com o assoalho. Em uma das salas existe um fato incomum, curioso. Relata-se que na construção desta, foram utilizados cabelos humanos, que seriam recolhidos em salões de cabeleireiros da cidade. Fato que é confirmado pelo próprio Gasa e pelos cabeleireiros que exerciam a profissão na época. O que, para o Brasil não era nada comum. Este fato também foi narrado em crônica sobre a Casa Gasa, escrita por Amorim (2012, p. 109):

Heribert fez salas curiosas. A sala do guarda-chuva ou sala do cabelo tem cabelos na mistura de concreto. Os amigos cabelereiros doavam os cabelos cortados de seus clientes que eram misturados à argamassa. Heribert dizia que na Alemanha era uma prática comum para dar mais firmeza às construções. E hoje? O que é feito dos cabelos? Perucas? E o que mais?

A autora da crônica relata que conversou e que frequentava a casa de Heribert Hans Joachim Gasa. No entanto também no final ela põe certa dúvida neste fato, diz que tudo não passa de “uma lenda” assim como tantas outras criadas ao entorno da imagem da Casa Gasa e de seu antigo proprietário. Ela conclui sua crônica dizendo “a casa é uma lenda da minha adolescência” (AMORIM, 2012, p. 109) possivelmente pelo mistério que esta produz em quem passa por ela. Mas, afinal, de quem eram os cabelos?

Segue imagem da “sala do cabelo”:



Figura 23 – Sala do cabelo

Fonte: Desconhecido. Imagem retirada da internet no ano de 2012, mas que se perdeu a origem da fonte.

A fotografia apresenta a “sala do cabelo” em uma perspectiva panorâmica. Os pilares e o teto foram feitos com uma massa de cimento onde teriam sido acrescentados cabelos, como forma de sustentação. O formato do teto em abóboda exige que haja maior consistência no material para que a construção possa se manter.

Na imagem acima é possível ser vista uma peça decorativa com imagem de uma ave, que supostamente seria uma condor andina. Enquanto na imagem abaixo, na lareira que fica em outro cômodo, pode ser vista uma imagem emblemática

também de uma ave. Este é um dos elementos mais fortes na construção dos discursos daqueles que afirmam a relação de Gasa com o nazismo.



Figura 24 – Lareira da sala de projeção

Fonte: https://www.facebook.com/pages/Patrim%C3%B4nio-CASA-GASA/432322366851295?id=432322366851295&sk=photos_stream

Os imaginários estabelecidos acerca desta imagem, a percebem como uma representação da ave nazista – uma águia. Em comparação segue abaixo uma imagem da ave símbolo nazista bordada nos uniformes dos soldados de Hitler (a águia que leva em suas garras o símbolo da suástica dentro de um anel).



Figura 25 – Águia Nazista
Fonte: Blog “O Resgate FEB”.

A semelhança entre as duas aves desperta os imaginários acerca da admiração de Hans Gasa pelos símbolos nazistas, embora ele próprio afirme que a ave ladrilhada em sua lareira é uma condor andina, símbolo do Império Inca e não uma águia nazista. Abaixo segue uma montagem com imagens contendo símbolos que causam proximidades e, portanto, estabelecem correlações e despertam os imaginários.

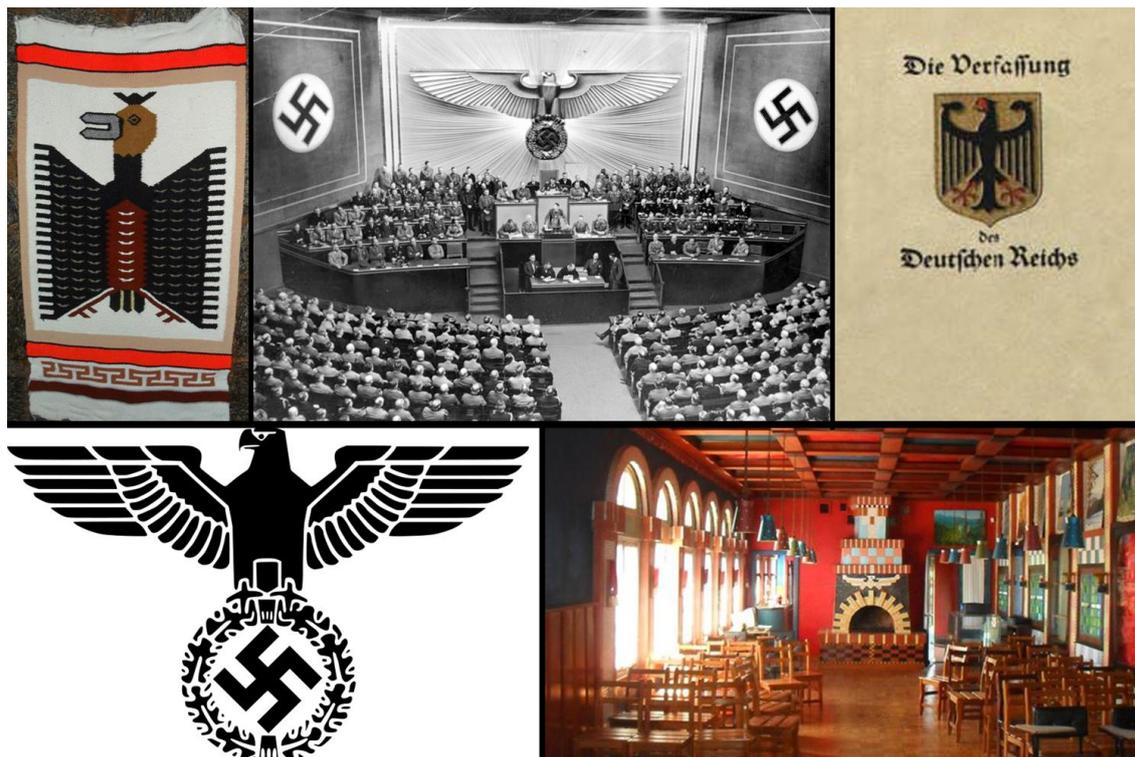


Figura 26 - Símbolos contendo aves

Fonte: https://www.facebook.com/pages/Patrim%C3%B4nio-CASA-GASA/432322366851295?id=432322366851295&sk=photos_stream (1ª e 5ª imagens);
http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/31/Bundesarchiv_Bild_183-2006-0315-500_Berlin_Reichstagssitzung.jpg;
http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/40/Weimar_Constitution.jpg;
<http://2.bp.blogspot.com/-03QpKCa2SUA/UOwKXpEb2ZI/AAAAAABdo/eTIA07AdcKw/s1600/800px-Reichsadler.svg.png>

Edição: POLON, Paulo Henrique Heitor.

A primeira imagem é da peça decorativa que existe na Casa Gasa, representando uma ave que aparentemente lembra a arte andina, podendo ser a condor, conforme dito por Hans Gasa em entrevistas (GASA, 2000). A peça é um bordado, utilizado como quadro na “sala do cabelo”, em uma lareira. A quinta fotografia traz outra representação de ave, também em uma lareira. Mas esta é formada com ladrilhos, em forma de mosaico. Acima da ave, há outro mosaico formado com ladrilhos em tom mais claro. Estes lembram uma cruz. A cruz também é um símbolo utilizado com variadas finalidades, sendo que foi inclusive utilizada como símbolo da *Luftwaffe* (já mostrado anteriormente).

A segunda imagem representa Adolf Hitler discursando no *Reichstag*, no ano de 1940. Destaca-se a imagem da águia, mostrando o quanto este símbolo era imponente. Ao lado consta uma imagem do brasão da República de Weimar, que antecedeu o regime de Hitler, também se utilizando da figura de uma ave,

lembrando bastante a primeira imagem da montagem. Abaixo, novamente a imagem da águia nazista carregando a suástica. A última imagem é a da lareira da Casa Gasa, com a ave (que seria uma condor) com um símbolo circular em seus pés (que seria um sol). Quando vista a certa distância, a imagem da lareira da Casa Gasa lembra significativamente a imagem ao seu lado, da águia com a suástica.

Em entrevista para Revista *Circus*, Gasa afirma que a águia “na verdade é um símbolo asteca e nada tem a ver com a águia-símbolo do nazismo” (GASA, 1995). Em diversas culturas aves de asas abertas são utilizadas como símbolos culturais, geralmente com uso de aves de grandes envergaduras, dentre elas a águia e o condor andino. Estes animais são utilizados também como representações em operações militares. Em outro aspecto, a condor se assemelha com a águia em suas dimensões. No caso da América do Sul, a condor é a maior ave existente na região andina. Já a águia é mais comum na América do Norte. Na imagem abaixo é possível perceber as semelhanças e diferenças entre as aves:



Figura 27 - Condor acima e Águia abaixo

Fonte: <http://www.wallpaperid.com/image/2013/02/-california-condor-9418-hd-wallpapers.jpg>
e <http://2.bp.blogspot.com/-ZEW1-zrRKYA/TWkbLkKQa6I/AAAAAAAAAJY/ITwKJ9pEdnA/s1600/%25C3%25A1guia.jpg>

Edição: POLON, Paulo Henrique Heitor.

Uma das alegações de Hans Gasa na intenção de desmistificar as afirmações de que as imagens de aves em sua casa remetiam-se ao nazismo, era sobre o lado para o qual as aves representadas na lareira e na decoração estão olhando, que de acordo com Gasa, oposto ao lado que a águia nazista está com sua frente voltada nas representações (GASA, 2000). No entanto, conforme ilustrado na figura 25, percebe-se que a ave representada olha para o lado esquerdo, diferentemente de algumas outras imagens em que ela olha para o lado direito. Então, qual o lado correto? As imagens são distorcidas, espelhadas ou havia mesmo essa preocupação do Regime Nazista sobre a direção do olhar?

Outro elemento da casa que chama atenção é a presença de uma “vinoteca”, na qual eram armazenados os vinhos. O aspecto dela chama a atenção pelo seu formato, lembrando um poço. Segue imagem:



Figura 28 – Vinoteca

Fonte: https://www.facebook.com/pages/Patrim%C3%B4nio-CASA-GASA/432322366851295?id=432322366851295&sk=photos_stream

Um dos mais intrigantes mistérios sobre a Casa Gasa se refere à suposta presença de túneis secretos que fariam a ligação da casa com outros pontos da cidade por via subterrânea. Acerca destes túneis não existem evidências claras, embora diversos rondonenses acreditem na existência destes. Quanto à serventia dos mesmos, não se tem relatos concretos, embora, aparentemente seriam formas de deslocamento por vias secretas em caso de necessidade de fuga. Um dos imaginários sobre a Casa Gasa diz respeito ao suposto abrigo à Hitler, fornecido por Hans Gasa.

Outro elemento que contribui para a crença de que existem túneis é o fato de que em alguns lugares da casa as paredes soam ocas. Isso seria uma prova de que existem mais coisas por trás das paredes do que apenas aquilo que os olhos

conseguem enxergar. São estes detalhes que alimentam as imaginações de quem passa pela casa, os quais foram descritos em narrativas em documentário produzido pela Rede Paranaense de Comunicação (RPC, 2013).

A casa possui inúmeros artefatos incomuns aos moradores da cidade, inclusive objetos que eram considerados modernos naquele momento histórico: uma filmadora, retroprojeto e os instrumentos utilizados por ele em sua função de óptico. Além disso, nos espaços da casa existem diversos tipos de azulejos de cores e estampas diferentes, sendo que algumas pessoas dizem que ele comprava os produtos em “pontas de estoque”, ou seja, por preços mais reduzidos. Enquanto outros acreditam que fazia as escolhas por gosto próprio, por admirar uma multiplicidade estética e até cultural, uma vez que sua casa é uma miscelânea de culturas, segundo confirmado por ele próprio em entrevistas, dada a algumas publicações impressas regionais a exemplo da Região em Revista (2000), destacado no folder de divulgação do Instituto Cultural Casa Gasa (2005), ilustrado na figura 4.



Figura 29 – Um dos banheiros da casa, detalhe dos múltiplos tipos de azulejos.
Fonte: Aquiagora.net

A casa construída por Hans Gasa possui dez banheiros, algo curioso para alguém que vivia sozinho até casar-se com Dorothea Kocko.

Há na casa, cômodos com muitas tomadas, o que para os padrões da época em que a casa foi erguida, durante a década de 1960, não era necessário, pois as pessoas não possuíam tantos eletroeletrônicos como atualmente. Em especial, há um cômodo muito resguardado e de difícil acesso, no qual existem várias tomadas nas paredes, tanto que o lugar é conhecido como “quarto das tomadas”. Este cômodo está localizado no segundo nível do subsolo, uma das partes mais retiradas da casa.

Ao lado deste cômodo há outro ambiente, uma sala vazia onde se encontram umas espécies de “fossas”, buracos estreitos arredondados com tampas de metal. Será que seriam estes espaços que dariam acesso aos túneis? Estes elementos são base para o discurso de que Gasa pudesse realizar experimentos científicos em sua casa. O mais interessante é a ideia de que os túneis da Casa Gasa ligariam esta com o Hospital do município na época, reforçando o imaginário acerca das experiências, talvez na área da medicina.

Existem cômodos da casa que não foram abertos à visitação, pois a proprietária da casa, viúva de Gasa, não teria o desejo de expor objetos pessoais de Hans Gasa. Mesmo no período em que a casa estava disponível às visitas, alguns quartos continuaram inacessíveis, como aquele de uso do casal. Neste sentido, é possível pensar que ao se proibir o acesso em alguns cômodos da casa, bem como esconder objetos, é uma forma de alimentar ainda mais os imaginários, aguçando a curiosidade do visitante.

Na casa estão preservadas imagens do período de colonização da região oeste paranaense, em especial de Marechal Cândido Rondon. Gasa foi um dos pioneiros na área da fotografia na cidade, portanto, guarda em seu acervo uma rica contribuição aos estudos locais.

A casa foi utilizada, quando Gasa ainda residia nela, para outras funções. Alguns cômodos serviam para comércio, a exemplo da cafeteria, anteriormente, a sua óptica. Além disso, o porão da casa foi utilizado como uma “discoteca”. Também a garagem teve outro uso comercial. Decorrente disso, em partes da casa houveram algumas interferências no projeto inicial, modificando algumas pinturas e paredes.

Durante os anos em que Hans Gasa morava no imóvel eram constantes as modificações, adaptações, ampliações e interferências na construção.

Diversos textos e documentos analisados referentes à Casa Gasa encontram-se à disposição no Instituto Cultural Casa Gasa, contudo essas referências não são textos publicados, mas sim textos de consumo interno.

Este capítulo foi redigido a partir de textos, depoimentos, conversações e imagens. No que se refere às imagens utilizadas, cabe destacar que são fotografias que circulavam e circulam em diversos suportes, como jornais, revistas e, principalmente, na internet, com destaque a *sites* do município de Marechal Cândido Rondon. A veiculação destes materiais nas mídias é um insumo para a perpetuação dos imaginários, já que costumeiramente apresentam ao leitor aspectos instigantes, deixando margem à formulação de hipóteses. O fato de a casa possuir acesso controlado e restrito atualmente faz com que os imaginários permaneçam e sejam reproduzidos principalmente pelas mídias.

Os imaginários sobre Heribert Hans Joachim Gasa já se perpetuam por algumas décadas no município de Marechal Cândido Rondon, sendo transmitidos nos discursos informais e apresentados pelos recursos midiáticos que circulam nos meios de comunicação, principalmente a internet. É possível pensar que os imaginários perpassam gerações e que possivelmente não serão tão brevemente suprimidos.

**CAPÍTULO 3 - CASA GASA: PATRIMÔNIO CULTURAL DE MARECHAL
CÂNDIDO RONDON**

Este capítulo constitui-se enquanto finalização deste trabalho possuindo apenas um subitem, intitulado “Pensando a Casa Gasa enquanto Patrimônio Cultural”. Neste, abordam-se aspectos e discussões relevantes aos atuais empecilhos que perpassam a Casa Gasa, pois a mesma encontra-se fechada às visitas, não tendo qualquer previsão de abertura.

O debate apresentado discorre sobre os conflitos travados entre patrimônio privado e o patrimônio público de valor cultural e as dimensões que isto abarca. Também há uma retomada acerca dos conceitos de Patrimônio e Imaginário, no entanto, essa retomada aplica-se ao assunto em questão, ou seja, a Casa Gasa. Esses conceitos formam a base para o entendimento da casa enquanto patrimônio cultural de Marechal Cândido Rondon.

3.1 PENSANDO A CASA GASA ENQUANTO PATRIMÔNIO CULTURAL

Em entrevista à Revista Região, Lúcia Terezinha Macena Gregory (Historiadora e atual Presidente do Instituto Cultural Casa Gasa) comentou sobre a importância do Projeto “Gasa: uma vida de muitas histórias” (REVISTA REGIÃO, 2005, p. 28), na tentativa de desmistificar as fantasias acerca da figura de Gasa e ainda mostrar a relevância do acervo deixado pelo alemão. Uma das primeiras ações propostas pelo Projeto em questão era a elaboração e publicação de um livro contando a história de Gasa, o qual não foi publicado até a presente data. A publicação deste livro seria um passo importante para preservação da memória de Gasa, bem como expressar a relevância de um patrimônio simbólico.

Outra intenção do Projeto era o desenvolvimento de uma exposição fotográfica. E ainda, a transformação da casa em museu, ideia esta que foi posteriormente abdicada, ainda que em alguns *sites* haja referências da Casa Gasa como Museu (A exemplos dos sites: “Caminhos do Lago de Itaipu” e da Secretaria da Cultura e Turismo de Marechal Cândido Rondon).

Na época, o Projeto foi uma parceria formada pela viúva de Gasa, Dorothea Kocko, o Conselho de Desenvolvimento dos Municípios Lindeiros ao Lago de Itaipu, bem como a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), o SEBRAE, a

Prefeitura do município de Marechal Cândido Rondon e ainda a Associação Comercial e Industrial de Marechal Cândido Rondon (ACIMACAR).

A viúva de Gasa, Dorothea, em entrevista à Revista Região de 2003, afirmou que “a sociedade rondonense deixou de aprender muito com Gasa” (REVISTA REGIÃO, 2003, p. 12). Na época, Dorothea disse que iria organizar e restaurar o material deixado na casa, permitindo visitas de cunho científico, alegando que iria “preservar a história dele”. Em 2013, ainda não foi possível efetuar tudo quanto foi pensado naquela época, logo após o falecimento de Hans Gasa. No entanto, diversas ações foram realizadas durante este período, pois enquanto a Casa Gasa estava disponível ao público, o número de visitantes foi expressivo. Em estudo da Professora Lia Dorotéa Pfluck, chegou-se ao número de dezoito mil visitas no período que compreendeu os anos de 2006 até 2012 (O PRESENTE, 2013).

Embora a intenção deste trabalho não seja a de defender o tombamento do imóvel, torna-se conveniente apontar que esta é uma das possibilidades de serem pensadas para preservação da Casa Gasa, sendo que este “não altera a propriedade de um bem; apenas proíbe que ele venha a ser destruído ou descaracterizado” (PARANÁ, 2013, [s.p]).

Se a intenção for o tombamento, torna-se necessário que a “população” (envolve questões políticas e ideológicas) reconheça que o tombamento é de interesse coletivo, pois este é somente “aplicado a bens de interesse para a preservação da memória e referenciais coletivos, não sendo possível utilizá-lo como instrumento de preservação de bens que sejam apenas de interesse individual” (PARANÁ, 2013, [s.p]).

A questão do tombamento tem uma abordagem complexa, pelo fato de que o patrimônio pode existir pela vontade ou interesse pessoal, mas a maior dificuldade reside na construção da percepção sobre a importância deste bem para a coletividade. “O patrimônio individual depende de nós, que decidimos o que nos interessa. Já o coletivo é sempre algo mais distante, pois é definido e determinado por outras pessoas, mesmo quando essa coletividade nos é próxima” (FUNARI; PELEGRINI, 2006, p. 09). Além disso, um patrimônio tombado possui certas dificuldades para se manter diante de interesses externos, como a especulação imobiliária, por exemplo.

A Casa Gasa constitui-se enquanto patrimônio material e imaterial, como analisado nos capítulos 1 e 2 deste trabalho. Conforme analisado por Sant'Anna (2003, p. 54),

Os instrumentos de reconhecimento e valorização dos bens culturais imateriais criados pelo governo brasileiro consideram, então, a natureza dinâmica e processual desses bens, promovendo ainda a interação dos aspectos materiais e imateriais do patrimônio cultural que proporcionam uma concepção mais rica e ampla.

Essa concepção de patrimônio constitui-se numa intenção mais ampla, pois compreende além do uso e das práticas dos espaços protegidos, mas traz consigo uma ideia de identificação e uma noção de autenticidade dotada de maior complexidade e dinamismo.

A possibilidade de caracterizar a Casa Gasa como patrimônio coletivo de Marechal Cândido Rondon tem por base a interação entre os conceitos de patrimônios – imaterial e material, uma vez que ela sintetiza ambos, compostos pelos imaginários que permeiam o lugar, bem como a vida de seu antigo proprietário, assim como pelo espaço físico, composto por uma multiplicidade de detalhes que despertam a curiosidade e a busca pelo desvendamento das histórias, além de alimentar tantas outras já existentes. Atualmente, a concepção de patrimônio imaterial está sendo ampliada em seu sentido original, não abrangendo apenas o que é (ou está) intangível. “Quando se fala em patrimônio imaterial ou intangível, não se está referindo propriamente a meras abstrações, em contraposição a bens materiais, mesmo porque, para que haja qualquer tipo de comunicação, é imprescindível um suporte físico” (SAUSSURE *apud* FONSECA, 2003, p. 65).

Na maior parte dos casos, os símbolos culturais possuem uma dimensão material que se refere a um veículo de comunicação ou referência. E, de outro lado, um sentido simbólico constituído pela interação cultural. A preservação dos patrimônios constitui-se enquanto prática social, em um sentido de produção material, mas também simbólica.

A produção do bem material - o imóvel - traz consigo determinadas condições de produção históricas e econômicas, sendo elas às vezes até contraditórias com o contexto histórico-social da época. Numa época em que não havia uma grande quantidade de aparelhos elétricos, Gasa elabora uma excepcional estrutura elétrica

para a residência, em contrapartida utiliza de cerâmicas de fim de estoque e com criatividade faz algo diferente, avesso a um padrão homogêneo, pois para o padrão sociocultural do momento seria mais coerente o estilo germânico de construção, por esse motivo, a sua casa destacou-se.

Em análise, Arantes (1984) afirma que para os seres humanos o espaço vital é um conjunto de objetos dotados de significados. As culturas transformam o espaço físico em lugar, território ou lar, de acordo com suas vivências particulares e coletivas neste. Como lugar pode ser entendida a porção do espaço que apresenta características de proximidade com o indivíduo, que se remete ao pertencimento. Quanto ao território, pode ser entendido como porção espacial caracterizada por relações de poder em diversos níveis. Como lar, entende-se o espaço familiar dos sujeitos, espaço da moradia.

O autor pondera sobre os “laços de continuidade entre presente e passado” (ARANTES, 1984, p. 08), os quais são estabelecidos pela cultura aos espaços que foram transformados a partir das vivências. Esses espaços são (re)significados em uma relação dinâmica entre o passado e o presente. Assim, é possível se pensar que o desejo da criação dos patrimônios culturais se deve à estes laços de continuidade. Neste sentido, conforme Durham (1984, p. 30), “devemos tentar definir o patrimônio em função do significado que possui para a população, reconhecendo que o elemento básico na percepção do significado de um bem cultural reside no uso que dele é feito pela sociedade”.

No caso específico da Casa Gasa, o ideal seria que não fossem realizadas intensas modificações em seus aspectos físicos, que possuem uma multiplicidade de significados. Não que alguns aspectos não possam ser modificados com a finalidade de conservação e da boa apresentação, mas a descaracterização deste espaço deveria ser evitada. Para Nora (1993, p. 15), os espaços de memória teriam como princípio “parar o tempo, bloquear o trabalho de esquecimento, fixar um estado de coisas” em um sentido de manter os aspectos simbólicos relacionados às vivências, bem como aos imaginários e discursos.

De acordo Halbwachs (2006, p. 72) “o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos [pontos de referência externos ao indivíduo, determinados pela sociedade] que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente”, neste aspecto remete-se à germanidade de Marechal Cândido Rondon, assim, pode-se pensar também na

instituição de “lugares de memória” e a sua função de conservar as lembranças relacionadas aos elementos socioculturais. Contemplando o objeto da presente pesquisa, a Casa Gasa contempla aspectos culturais e de um passado vivo, não simplesmente pelo seu espaço físico, mas pelas contribuições de Hans Gasa à preservação das memórias por meio das imagens e objetos deixados por este. Assim, para Paoli (1992, p. 25) o patrimônio histórico deveria contemplar os “acontecimentos e coisas que merecem ser preservadas porque são coletivamente significativas em sua diversidade”.

É relevante se pensar em dois aspectos de fundamental importância em relação aos patrimônios: o público e o privado. Ambos são pensados com maior intensidade quando há uma revolução do pensamento brasileiro acerca dos patrimônios, enfatizando o conceito de patrimônio imaterial para além dos já conhecidos “bens de pedra e cal” (ABREU; CHAGAS, 2003). Durante muitas décadas foram considerados como portadores de valor histórico apenas aqueles bens materiais que possuíam estilos arquitetônicos peculiares, bem como dotados de representação histórica oficial. Enquanto atualmente o conceito de patrimônio tornou-se mais flexível, abrangendo aspectos imateriais, simbólicos.

No Brasil, a relação entre privado e público quanto ao interesse cultural e mercadológico mostra-se conflituosa. O interesse coletivo de patrimonializar alguns bens é limitado pela ação do mercado imobiliário, sendo que este é considerado antagônico aos conceitos das políticas preservacionistas e patrimonialistas, pois os grandes especuladores - por meio de suas diretrizes - transformam o espaço urbano em local de lucro. “Na aposta quanto à permanência do jogo da especulação imobiliária e o lucro desenfreado como último critério no uso do solo urbano” (MAGALDI, 1992, p. 22), deixa-se de lado a importância dos “espaços de memória”, enquanto valor simbólico. Portanto,

[...] esta mesma legislação [do tombamento] tem sido entendida e duramente combatida entre nós como verdadeiro atentado aos direitos de propriedade, porque significaria na prática a desvalorização de bens particulares na maioria das vezes com alto valor monetário (MAGALDI, 1992, p. 22).

Em favor da obtenção do lucro, colocam-se os aspectos culturais em um patamar subalterno, pois estes – na maioria dos casos - não são levados em consideração no momento do planejamento urbano. A preservação dos espaços de

memória está relacionada com a qualidade de vida, decorrente da fruição do bem cultural. Neste sentido, pode-se pensar nos espaços reservados à preservação das memórias como ambientes para o exercício do ócio, assim como do turismo.

[...] a proteção da integridade física dos bens patrimoniais não é por si só suficiente para sustentar uma política pública de preservação. Isso porque a leitura de bens enquanto bens patrimoniais pressupõe as condições de acesso a significações e valores que justifiquem sua preservação. Depende, portanto, de outros fatores além da mera presença, num espaço público, de bens a que agentes estatais atribuíram valor histórico, artístico, etc. devidamente protegidos em sua feição material (FONSECA, 2009, p. 43).

Assim, a intenção da constituição de um bem em patrimônio está relacionada com o uso público que será realizado deste. Para além da oficialização do patrimônio, é necessária a manutenção do bem pelo Poder Público, evitando que haja depredação. Também é relevante que as pessoas encontrem razões que justifiquem a preservação, valorizando este espaço como lugar. A partir disso, é importante que os sujeitos visitem e conheçam, estabelecendo vivências e sociabilidades. Conforme Funari; Pelegrini (2006, p. 59), “a implementação de políticas patrimoniais deve partir dos anseios da comunidade e ser norteadas pela delimitação democrática dos bens reconhecidos como merecedores de preservação”.

A relação de pertencimento com o patrimônio, no caso da Casa Gasa, seria reforçado pelos imaginários que por décadas permearam – e ainda permeiam – os discursos acerca daquele espaço e seu antigo proprietário. É possível pensar na caracterização do imaginário enquanto uma forma particular de patrimônio, ideia que está em ascensão no Brasil por meio da transformação do conceito de patrimônio imaterial.

A memória coletiva é responsável pela configuração dos imaginários, sendo que estes são transformados pelas particularidades do pensamento individual com o passar do tempo, sendo diluídos, modificados os afirmados, e posteriormente (re)apropriados pela coletividade com diferentes feições. Quanto à Casa Gasa, desenvolveram-se diversas versões acerca dos imaginários comuns em relação às especificidades da casa e do próprio Hans Gasa. Para compreender o mecanismo dos imaginários, pode-se pensá-los enquanto

[...] transferência de uma representação de conteúdo sensível para uma percepção ou imagem pertencente à outro domínio [...] trata-se, no entanto, de uma simbolização ora completamente involuntária, como no sonho, ora organizada e integrada num sistema de crenças coletivas, no mito, ora procurada ou pelo menos controlada por um tema consciente (MALRIEU, 1996, p.105).

A construção perceptiva dos sujeitos acerca de uma ideia transferida irá depender de alguns fatores, como suas próprias crenças e concepções. Assim, os imaginários são permeados de singularidade, pois dependem dos aspectos subjetivos aos próprios indivíduos, muito embora nenhum dos aspectos do imaginário possa ser considerado completamente subjetivo, pois alguns destes aspectos são arraigados por marcas de ordem social, como as Ideologias, o Poder e a Religião. Pois, ainda conforme a análise dos imaginários, Malrieu (1996, p. 106) afirma que “eles nos indicam alguns dos problemas vividos pelo sujeito, mas sempre de forma indireta, e relativamente a estruturas assaz distintas do eu”.

As discussões acerca do imaginário perpassam a questão da racionalidade, se aproximando da emoção. De forma indireta as emoções contribuem para evocação dos imaginários. De algum modo quando se tem contato com os imaginários sobre a Casa Gasa, conforme descritos no capítulo anterior, além de mexer com a subjetividade, desperta também sentimentos diversos, como a emoção, raiva, indignação, dúvida, etc. O imaginário também é o meio que o sujeito encontra para compor uma representação, integrando aspectos que não podiam ser apreendidos pela percepção na construção de uma realidade imaginativa. O imaginário surge como uma emancipação para atitudes desconhecidas e incontroláveis.

O imaginário apresenta-se como uma tentativa para identificar as experiências entre si, não com base em esquemas pragmáticos ou em análises conceptuais, mas constituindo relações simbólicas. [...] O imaginário coloca-nos no centro das nossas preocupações ocultas, das nossas possibilidades, do nosso passado. Somos, então, encaminhados, à margem da consciência do eu, para representações desconhecidas (MALRIEU, 1996, p. 137).

Isso se explica em muitos discursos acerca da Casa Gasa, nos quais o medo se faz presente nas concepções referentes às narrativas sobre Gasa e sua residência. Talvez a questão sobre o suposto envolvimento de Hans Gasa com o

nazismo seja o fator ativador desses medos. Desde a década de 1950, quando da chegada de Gasa à Marechal Cândido Rondon, em um contexto anos após a Segunda Guerra Mundial, quando a questão nazista ainda estava aflorada nos discursos, não se tornou difícil relacionar Hans Gasa com um possível envolvimento nazista já que ele havia participado deste momento histórico na Alemanha.

Ao longo dos anos os discursos foram disseminados e (re)significados, permeando questões que ultrapassavam apenas o envolvimento nazista – muito embora estas fossem as falas predominantes. Atualmente, ainda é possível ouvir comentários acerca da casa e sobre os imaginários construídos e alimentados por tantos anos. Os ditos e as histórias permanecem, embora não haja evidências documentais seguras sobre o envolvimento direto de Gasa com os líderes nazistas, como Hitler, Mengele ou Bormann, nem qual a real motivação de ter construído uma casa com características tão peculiares, cheia de segredos, passagens secretas, portas falsas e outros detalhes que a tornam curiosa. Os imaginários sobre a estadia de Hitler em Marechal Cândido Rondon, a camisa que supostamente teria sido autografada por Hitler (possui uma estampa com a escrita “Hitler”), as experiências que teriam sido feitas no subterrâneo da casa e a presença do túnel que ligaria a casa a outro ponto da cidade, nada disso foi dado como fato comprovado. Aspectos esses que, na fala do próprio Heribert Hans Joachim Gasa, seriam “fantasia do fantástico” (GASA, 2001, p. 29).

A questão proposta por este trabalho não é de provar se os discursos têm ou não fundamentação, mas mostrar que eles existem e ainda estão vivos na memória individual e coletiva. Os discursos circulam pelas gerações, reproduzidos com base nas conversações cotidianas e fomentados pelas publicações nos meios midiáticos. Estes discursos colaboram para a constituição da Casa Gasa enquanto patrimônio, o que precisa ser discutido e avaliado pelo Poder Público em conjunto com a sociedade civil.

O risco que se apresenta da não patrimonialização da Casa Gasa é que esta deixe de existir ou que seja descaracterizada com o passar dos anos, o que poderia acarretar o esquecimento parcial de muitas histórias e memórias. “A luta pela construção de uma memória social passou pela tentativa de julgar o passado, visto sempre como inferior ao presente – e estas tentativas se concretizaram fisicamente nos procedimentos de destruir e edificar” (MAGALDI, 1992, p. 21). Portanto, este espaço pode ser visto como “lugar de memórias” e valorizado pela expressividade

cultural e simbólica que ali se encontra, sendo preservado, e não esquecido pela coletividade.

No Plano Diretor do município de Marechal Cândido Rondon, a “Casa do Imigrante Alemão Hans Gasa” já consta como Patrimônio Histórico Municipal, conforme ilustrado na imagem abaixo (número 5 na legenda):

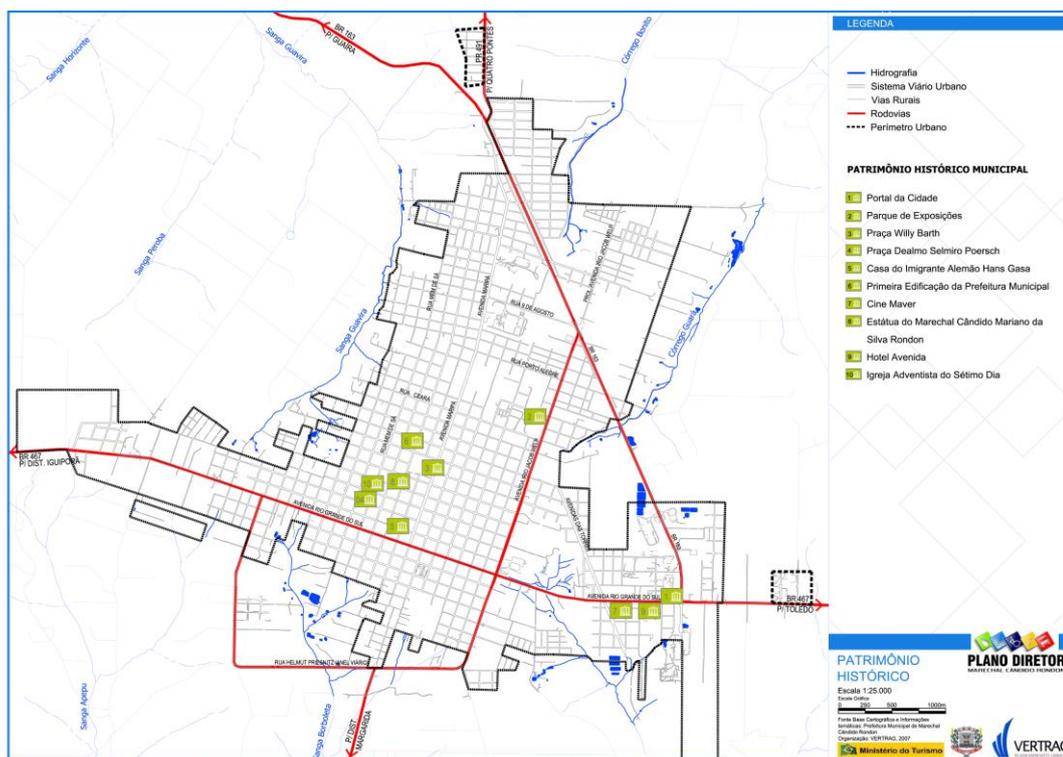


Figura 30 - Patrimônios Históricos de Marechal Cândido Rondon
Fonte: <http://www.mcr.pr.gov.br/down.php?setFile=d4b8713ea7.pdf>
Edição: POLON, Paulo Henrique Heitor.

Embora se apresente enquanto Patrimônio do município de Marechal Cândido Rondon, o imóvel encontra-se atualmente disponível para locação, sendo que as visitas estão suspensas no momento. Além disso, as próprias pesquisas relacionadas à Casa Gasa estão limitadas, já que os próprios estudantes não têm mais acesso ao interior desta.

Em agosto de 2013, o jornal diário O Presente, editado em Marechal Cândido Rondon veiculou a seguinte matéria: “Casa Gasa está sem perspectiva de voltar a atender o público”. Segundo o conteúdo publicado, a casa não tem a estrutura necessária para atender as visitas, devido ao fato de ter sido construída em forma de “fortaleza”, de acordo com a fala da chefe de Divisão de Turismo do

município. Assim, seria necessária primeiramente a emissão do Alvará do Corpo de Bombeiros para reativar as atividades da casa, oferecendo segurança aos visitantes.

É importante perceber a forma como a matéria refere-se à Casa Gasa, pois reconhece a relevância cultural e turística que esta representa ao município. No entanto, por se tratar de um imóvel privado, o investimento para conseguir o Alvará do Corpo de Bombeiros para o funcionamento desta enquanto espaço de visitação, ficaria sob a total responsabilidade do proprietário do imóvel, no caso, a viúva de Heribert Hans Joachim Gasa. E, neste sentido, o Poder Público declara-se de “mãos atadas” (O PRESENTE, 2013, p. 18). A matéria do jornal trata a casa e todo seu conjunto de imaginários como “estórias” que deixam os alunos que a visitam nas excursões escolares curiosos em conhecer este imóvel.

O Instituto Cultural Casa Gasa continua mantendo as atividades relacionadas à preservação do acervo deixado por Hans Gasa, mesmo com a atual situação do imóvel indisponível para visitas por parte do público. Atualmente, o Instituto está sob a Presidência de Lúcia Terezinha Gregory, a qual afirma que “o Instituto está redirecionando suas atividades no sentido de dar mais atenção ao acervo para elaborar material textual que possa ser divulgado”. Segundo a mesma, o acervo de Gasa deve ser preservado pelo seu significado, pela riqueza do material deixado pelo alemão. Segundo ela, a Casa Gasa deve permanecer como patrimônio histórico e cultural, opinião a qual ela transmite com emoção, “em lágrimas”, como ressalta a matéria (O PRESENTE, 2013, p. 19). Essa emoção é sentida por diversas outras pessoas que possuem envolvimento com aquele espaço físico, suas memórias e “estórias”, pois a “herança” deixada por Heribert Hans Joachim Gasa perpassa a questão material, se colocando em um patamar simbólico, o qual não deve ser desperdiçado.

Há um investimento financeiro, isso é inegável. Alguém precisa arcar com os custos. A questão que se levanta é: a população de Marechal Cândido Rondon tem interesse em tornar aquele espaço e todo material nele existente em um patrimônio seu? Se sim, caberia ao Poder Público efetuar a compra do imóvel, que certamente não teria um valor baixo, mas que, por sua expressividade simbólica e cultural, precisa ser preservado e demonstrado.

Outra questão que pode ser levantada e que causa polêmicas é quanto ao conteúdo a ser preservado, no caso, memórias e imaginários que remontam ao nazismo. Assim, seria “moralmente” adequado tornar patrimônio do município uma

referência de algo que é considerado por grande parte do mundo como negativo ao longo da História oficial? Ou, dever-se-ia levar em consideração que não há evidências concretas do envolvimento de Gasa com o nazismo e considerar o valor simbólico do material deixado pelo imigrante, como aqueles elementos que revivem a memória do município?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As memórias são disputadas. Elas possuem valores distintos para as pessoas de acordo com preceitos e convicções individuais, mas também coletivos. Há outras memórias e imaginários para além daqueles dispostos ao longo deste trabalho, embora aqueles relacionados ao nazismo tenham maior predominância, pela significativa presença de imigrantes advindos da Alemanha, bem como descendentes destes em Marechal Cândido Rondon.

As memórias estão relacionadas aos imaginários, pois são elementos motivadores destes. A disputa pelas memórias está situada no campo do poder simbólico, representada por conceitos, ideologias, crenças e interesses, tanto pessoais quanto de grupos.

O primeiro capítulo desta Dissertação teve-se em discutir alguns conceitos essenciais às Ciências Humanas, como Patrimônios, Imaginários e Memórias. A presente pesquisa entende que o Patrimônio se constitui não somente nos elementos físicos/materiais, mas está além do “pedra e cal”. A noção de Patrimônio abordada aqui se constitui na imaterialidade do objeto em si, mas isso não exclui a importância do material.

Enquanto espaço físico, a Casa Gasa possui particularidades que podem torná-la Patrimônio Material, como o fato de ter levado mais de vinte anos para ser construída, constituída pela diversidade em detalhes em sua arquitetura – o que não era comum ao contexto em que ela foi construída, pelo menos não no município em que está localizada. Além disso, seu mobiliário preservado remete a imaginação dos visitantes ao passado em que a casa foi construída, despertando as memórias daqueles que vivenciaram aquele período. Para aqueles que não vivenciaram aquele momento histórico, os objetos conduzem à imaginação.

Enquanto em seus aspectos simbólicos, a Casa Gasa é permeada por histórias. Estas histórias tem por base a vida que Heribert Hans Joachim Gasa levou antes de migrar à Marechal Cândido Rondon, quando na Alemanha serviu ao exército de Hitler. Posteriormente aliadas aos discursos da presença de nazistas em território sul-americano, assim também na cidade onde Gasa construiu sua residência. Não apenas um aspecto, mas um conjunto de elementos foi responsável

pela criação dos imaginários acerca de Hans Gasa, como as peculiaridades de sua residência, com o aspecto de fortaleza da mesma, além das passagens secretas, portas pesadas e outros elementos não comprovados, como os túneis. Toda essa intersubjetividade denota-se ao campo do Patrimônio Imaterial.

No presente trabalho busquei uma visão interdisciplinar acerca do objeto, ressaltando a multiplicidade de interpretações possíveis. O campo da interdisciplinaridade configurou-se em um desafio devido aos múltiplos saberes construídos pelas Ciências ao longo da história. Também por configurar-se em um campo relativamente novo do saber científico. Por esse motivo, elaborar uma metodologia que seja interdisciplinar requer diversas cautelas, neste aspecto esforcei-me a não direcionar para um campo do saber específico (ou a História, Sociologia ou a Antropologia, por exemplo), mas aproveitei os métodos e/ou conhecimentos das disciplinas que julguei pertinentes ao momento de construção deste trabalho. Não posso dizer que obtive êxito, já que a interdisciplinaridade ainda é um desafio aos pesquisadores.

Optei pela contextualização do município de Marechal Cândido Rondon pois entendi como necessária ao passo que algumas discussões contidas no trabalho possuem vínculo com a cultura presente no lugar, como é o caso da germanidade. Além disso, conhecer ainda que minimamente o local, contribui para compreensão das práticas sociais, costumes, crenças, princípios, etc., os quais estão relacionados com os discursos, neste caso, sobre a Casa Gasa.

Sobre Heribert Hans Joachim Gasa, não pude conhecê-lo pessoalmente, já que minha vinda à Marechal Cândido Rondon ocorreu alguns anos após a morte daquele. A minha percepção sobre sua pessoa foi influenciada pelas narrativas alheias exclusivamente. Buscando destituir-me de pré-conceitos, considero-o uma figura enigmática e percebo como instigantes as estórias que permeiam sua vida.

Um detalhe que chamou minha atenção ao longo da pesquisa é a forma pela qual Gasa buscava esquivar-se das perguntas que eram feitas para ele, como quando em uma entrevista para Região em Revista, no ano de 2000, quando questionado sobre a existência de um túnel em sua residência ele respondeu de modo muito objetivo: “É fantasia do Fantástico”, evitando prolongar esse diálogo, o qual talvez revelasse algo que deveria ficar escondido. O que me pergunto é: se não existe verdadeiramente um túnel, por qual razão ele nunca tentou provar isso às pessoas?

Outra questão que chamou minha atenção é que quando tocado no assunto de sua participação na Guerra ele também desviava o foco, sendo que na mesma entrevista citada acima, ele responde: “Não quero falar sobre a guerra. A guerra é algo infeliz, que não leva a nada” (GASA, 2000). Diante disso, é possível pensar em dois caminhos: o não falar sobre o período da Guerra pode ser uma alternativa de não revelar histórias que podiam o comprometer, mas também pode ser uma forma de não reviver lembranças daquele momento terrível.

No decorrer da pesquisa indaguei-me sobre minha condição enquanto pesquisador “de fora” do contexto cultural germânico, o qual, pelos discursos, predomina no município de Marechal Cândido Rondon. Nas conversas em rodas de chimarrão das quais participei senti-me integrado apenas parcialmente. Tendo domínio apenas da língua portuguesa, questionei-me: E se pudesse compreender o idioma alemão? Ou essa linguagem própria de Marechal Cândido Rondon, em um misto de alemão (e ainda dialetos deste) com o português? Será que algo mais poderia ser-me revelado? Será que outras narrativas seriam compartilhadas além daquelas que tive acesso?

Percebo que em muitos casos, principalmente as pessoas com idade mais avançada, mostram dificuldade em se expressar através de outra língua que não o alemão. Ainda, sentem mais segurança em dialogar com sujeitos que falam seu idioma materno. Então, minha pesquisa apresenta um olhar específico de alguém que não vivenciou boa parte das narrativas, mas que curiosamente obteve informações por meio das narrativas “de outros”. Compreendendo que para estes “outros” - neste contexto - eu sou o “outro” que está ali na posição de pesquisador, ou simplesmente, de curioso. Assim, muitas narrativas podem surgir após a conclusão deste trabalho, quando os “outros” me perceberem para além da pesquisa que desenvolvi.

Gasa tornou-se uma figura conhecida na cidade de Marechal Cândido Rondon. Creio que uma das mais lembradas. Apesar disso ele não possuía vinculação direta com a política, mas tinha proximidade com pessoas influentes no município e as quais participavam ativamente na política rondonense.

No atual cenário, a instituição do seu legado como Patrimônio Material e Imaterial perpassa as questões políticas. Contudo, esta proximidade de sua figura com pessoas que atuam politicamente no município pode dificultar o processo de

constituição da Casa Gasa enquanto Patrimônio de Marechal Cândido Rondon, por se tratar de grupos que o ocupam a oposição no atual quadro político da cidade.

Penso que ainda é necessária a ampliação das pesquisas sobre o desejo e a viabilidade da transformação da Casa Gasa em Patrimônio Cultural municipal, ou mesmo de um possível tombamento do imóvel. É pertinente que se vise coletar as informações diretamente com a população de modo geral, percebendo o significado que a Casa Gasa possui para esta, assim, concebendo como viável ou não a patrimonialização. Possivelmente surgirão novos conflitos para além daqueles já existentes, portanto, não cabe ao trabalho aqui apresentado julgar pertinente ou não esta institucionalização, mas criar condições para pensar sobre e ainda favorecer o debate. Ou subsidiar informações para trabalhos futuros.

A Casa Gasa constitui-se como lugar de mistérios, isso fica evidente para quem a visita – para mim ficou...

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e Patrimônio: Ensaio**s Contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ACERVO documental do Instituto Cultural Casa Gasa, 2012.

AMORIM, Marlene Haboski. A lenda dança na Casa Gasa. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Administração e Previdência. **Servir com Arte 2012: Concurso Estadual de Contos, Crônicas, Poesias e Fotografias dos Servidores Públicos do Estado do Paraná: trabalhos premiados**. Curitiba, PR: SEAP, 2012.

ARANTES, Antonio Augusto (Org.). **Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural**. São Paulo: Brasiliense; CONDEPHAAT, 1984.

CASANOVA, Pablo Gonzáles. **As novas ciências e as humanidades: da academia à política**. São Paulo: Boitempo, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 13 ed. São Paulo: Ática, 2005.

DEITOS, Nilceu Jacob (Orgs.). **Migrações e a construção do Oeste do Paraná: século XXI em perspectiva**. Cascavel: Coluna do Saber, 2007.

DURHAM, Eunice Ribeiro. Texto II. In: ARANTES, Antonio Augusto (Org.). **Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural**. São Paulo: Brasiliense; CONDEPHAAT, 1984, p. 23-58.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da *pedra e cal*: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e Patrimônio: Ensaio**s Contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

FOWERAKER, Joe. **A luta pela terra: a economia política da fronteira pioneira no Brasil de 1930 aos dias atuais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 180.

FRANCO, Luiz Monteiro; PEREIRA, Christiane Lopes. **K.B.K.: A Biografia e a Saga de Holdine Kathrim e Sua Mãe, Magda Goebbels, na América do Sul Após a Segunda Guerra Mundial**. Volume 1. Salto, SP: Editora Schoba, 2010.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GASA, Heribert Hans Joachim. Entrevista. **Circus**. 1995.

GASA, Heribert Hans Joachim. Entrevista. **Região em Revista**, Marechal Cândido Rondon: Editora Germânica, n. 04, p.06-07, mar. 2000. Mensal.

GAZETA DO POVO. **Arquivo Público de SP divulga na internet parte do acervo do Dops**. Curitiba. Mar. 2013. Disponível em: <

<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1358226>>.

Acesso em 02 Nov. 2013.

GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-70)**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.

GREGORY, Valdir; STEIN, Marcos Nestor. Migrações e Germanidade: Oeste do Paraná e Marechal Cândido Rondon. In: VITECK, Harto (Org.); WAGNER, Neri (Ed.). **Imigração Alemã no Paraná: 180 anos**. Marechal Cândido Rondon: Editora Germânica, 2012. p. 347-382.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2ª. Ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. N.24. p. 68-75, 1996.

IBGE. **Estimativas populacionais para os municípios brasileiros em 01.07.2012**. disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2012/estimativa_dou.shtm>. Acesso em 16 jan. 2013.

KOLING, Paulo José. Sociedade e política em Marechal Cândido Rondon. **Revista Tempos Históricos**. Marechal Cândido Rondon. Ano 10. N. 1. p. 351-367. 2007. P. 361-367.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. Ed. Campinas: Unicamp, 1996.

LUFTWAFFE: Wir. Dienen. Deutschland. Disponível em: <

<http://www.luftwaffe.de/portal/a/luftwaffe>>. Acesso em 25 Ago. 2013.

MACCARI, Neiva Salete Kern. **Migração e Memórias: a colonização do Oeste paranaense**. 1999. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999.

MAGALDI, Cássia. O público e o privado: propriedade e interesse cultural. In: SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio histórico. **O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo: DPH, 1992. p. 21-24.

MALRIEU, Philippe. **A construção do Imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

MANFRIN, Juliet. Instituto quer apoio para recuperar filmes inéditos da 2ª Guerra. **O Paraná** [Online]. Cascavel. Jan. 2012. Disponível em: <

<http://www.oparana.com.br/cidades/instituto-quer-apoio-para-recuperar-filmes-ineditos-da-2a-guerra-7612/>>. Acesso em 02 Nov. 2013.

MARECHAL CÂNDIDO RONDON. Prefeitura municipal. **121 entidades estiveram representadas no I Fórum de Debates sobre os eventos de Marechal Rondon.** 2013. Disponível em: <<http://www.mcr.pr.gov.br/noticias/2494>>. Acesso em: 09 Nov. 2013.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala.** São Paulo: Contexto, 2011.

MARTINS, José de Souza. **Subúrbio.** Vida cotidiana e história da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo: HUCITEC, 1992.

MEDNICOFF, Elizabeth. **Dossiê Freud: conheça a vida, o trabalho e as teorias do Pai da Psicanálise.** São Paulo: Universo dos Livros, 2008.

MEINERZ, Marcos Eduardo. **O Imaginário da Formação do IV Reich na América Latina após a Segunda Guerra Mundial (1960-1970).** 2013. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

MEINERZ, Marcos Eduardo. **Os caçadores de nazistas em Marechal Cândido Rondon.** 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2010.

MEINERZ, Marcos Eduardo; STEIN, Marcos Nestor. Os caçadores de nazistas em Marechal Cândido Rondon - PR. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 4º., 2009, Maringá. Anais... . Maringá: UEM, 2009. p. 1019 - 1027. Disponível em: <<http://www.pph.uem.br/cih/anais/trabalhos/316.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2012.

MILAN, Pollianna. Brasil teve o maior partido nazista fora da Alemanha. Gazeta do Povo. Curitiba. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1172771&tit=Brasil-teve-o-maior-partido-nazista-fora-da-Alemanha>>. Acesso em 12 Out. 2013.

NARLOCH, Leandro. Eles estão entre nós. **Aventuras na História.** São Paulo. Edição 31. Mar. 2006. p. 26-35.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História.** São Paulo. N. 10. Dez/1993.

O PRESENTE. **Casa Gasa está sem perspectiva de voltar a atender o público.** Marechal Cândido Rondon, ano 22, n. 3665, 31 Ago. 2013a. Geral. p. 18-19.

O PRESENTE. **Fórum para pensar ou decidir?** Marechal Cândido Rondon, ano 22. 07 Nov. 2013b. Editorial. Disponível: <<http://www.opresente.com.br/blogs/editorial/forum-para-pensar-ou-decidir-8058/>>. Acesso em 09 Nov. 2013.

PAOLI, Maria Célia. Memória, História e Cidadania: o direito ao passado. In: SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio histórico. **O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo: DPH, 1992. p. 25-28.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Cultura. Coordenação do Patrimônio Cultural. Tombamento – Conceitos. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=4>>. Acesso em 13 Out. 2013.

PFLUCK, Lia Dorotéia. Os aspectos naturais na propaganda da colonização de Marechal Cândido Rondon-PR. In: VANDERLINDE, Tarcísio; GREGORY, Valdir; DEITOS, Nilceu Jacob Deitos (Orgs.). **Migrações e a Construção do Oeste do Paraná: Século XXI em perspectiva**. Cascavel: Coluna do Saber, 2007. p. 119-142.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em 06 Nov. 2012.

POLON, Paulo Henrique Heitor. A interdisciplinaridade nos estudos sobre patrimônios. In: 15ª JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS: LITERATURA, LINGUAGEM E MULTICULTURALISMO VEREDAS DO IMAGINÁRIO E CARTOGRAFIA DA MEMÓRIA, 2012, Marechal Cândido Rondon. **Anais...** Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2013.

REVISTA REGIÃO. Marechal Cândido Rondon: Editora Germânica, n. 38, abr. 2003. Mensal. P. 12-13.

REVISTA REGIÃO. Marechal Cândido Rondon: Editora Germânica, n. 56, fev. 2005. Mensal. P. 28-29.

RPC, Rede Paranaense de Comunicação. **Casa Gasa**. Curitiba. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=r0prUUixSQM>>. Acesso em 21 abr. 2013.

SANT'ANNA, Marcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Orgs.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 46-55.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 5ª. Ed. Porto: Edições Afrontamento, 1995.

SILVA, Micael Alvino. **Curso de extensão: Breve História da Tríplice Fronteira**. Aula 4: Emancipação Política, Revolucionários de 1924 e Segunda Guerra Mundial. [online] 2013. Disponível em: <<http://bhtf.blogspot.com.br/2013/03/aula-4-emancipacao-politica.html>>. Acessos em 17 de abr. 2013.

SILVA, Micael Alvino. **Vigilância aos súditos do Eixo na parte brasileira da Tríplice Fronteira (1942-1943)**. 2010. 222 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

SILVA, Olga Brites da. Memória, preservação e tradições populares. In: SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. **O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo: DPH, 1992. p. 17-20.

SMANIOTTO, Marcos Alexandre. **A burguesia rondonense em ação: a formação e atuação da Guarda Mirim (1966-1979)**. 2008. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2008.

STEIN, Marcos Nestor. **A Construção da Germanidade em Marechal Cândido Rondon, PR (1946-1996)**. 2000. 135f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2000.

STEIN, Marcos Nestor. Imigração alemã e repressão policial: a ação do DOPS em Marechal Cândido Rondon. **Revista Esboços**. Florianópolis: UFSC. V. 10, N. 10, 2002.

TEDESCO, João Carlos. **Passado e presente em interfaces: introdução à uma análise sócio-histórica da memória**. Passo Fundo: UPF Editora, 2011.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: EDUEL, 2012.

TURATTI, Maria Cecília Manzoli; GODOY, Clayton Peron Franco de. "Acarajé com mais recheio". **Sociologia, Ciência e Vida**. São Paulo: Editora Escala. Nº 38, Dezembro-Janeiro, 2011-2012.

VON BORSTEL, Clarice Nadir. A alternância lexical do Brasildeutsch. **Espéculo**. Revista de Estudios Literários. Madrid. Nº 45. Año XIV. Jul.-Ocu. 2010. Disponível em: < <http://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero45/bradeutc.html>>. Acesso em: 14 abr. 2013.

WEBER, Max, **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.